



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Arquitectura como Cenário Urbano

Micael Rodrigo Vieira Pinheiro

Orientação: Professor João Soares

Mestrado em Arquitectura

Trabalho de Projecto

Évora, 2015

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

ARQUITECTURA COMO CENÁRIO URBANO



MICHAEL RODRIGO VIEIRA PINHEIRO
ORIENTAÇÃO: PROFESSOR JOÃO SOARES
MESTRADO EM ARQUITECTURA I DISSERTAÇÃO I ÉVORA, 2015

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

ARQUITECTURA COMO CENÁRIO URBANO



MICHAEL RODRIGO VIEIRA PINHEIRO
ORIENTAÇÃO: PROFESSOR JOÃO SOARES
MESTRADO EM ARQUITECTURA | DISSERTAÇÃO | ÉVORA, 2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais, pelo apoio e força que transmitiram para terminar o trabalho.
À Inês, pelo apoio prestado, mesmo nos momentos mais difíceis, mantendo-se sempre ao meu lado.
Ao meu orientador, por estar sempre disponível e por toda a ajuda prestada.

ÍNDICE

09 Introdução

11 Abstract

O LOCAL

14 Enunciado
16 Percurso Pedonal
18 Zonas de Intervenção
20 Local de Intervenção
22 História do Local
24 Chafariz das Bravas na actualidade
26 Evolução da Topografia
28 Proposta de Intervenção
30 Conceito de Intervenção
32 Organigrama
34 Tema Teatro

PROPOSTA

40 Planta 1/500 da Intervenção
42 Alçados
46 Plantas 1/200
52 Cortes Longitudinais
54 Fotos da Maqueta
58 Axonometria

PORMENORIZAÇÃO

64 Plantas 1/100
70 Cortes Transversais
72 Corte Construtivo
74 Axonometria Estrutural

79 Conclusão
81 Bibliografia

INTRODUÇÃO

Évora sendo uma cidade com vários séculos de história e evolução urbana, na sua zona intra-muros a malha urbana já se encontra bastante consolidada, sendo que as suas principais ligações e percursos se encontram bem definidos. Com o passar dos tempos a cidade foi-se adaptando às necessidades dos seus habitantes, ocorrendo de forma natural, dando tempo a que estas mudanças fossem ocupando o seu espaço na estrutura da cidade, respondendo a questões práticas e de organização lógica. A cidade foi ocupando os espaços no interior da muralha, densificando a construção nesta zona, e os seus edifícios emblemáticos não fogem à regra, sendo esta a zona que se encontrava mais protegida de ataques exteriores. Apesar desta lógica de construção, existem edifícios construídos no exterior da muralha, pequenos apontamentos que marcavam a entrada na área urbana da cidade de Évora. Como exemplo deste tipo de construções temos o conjunto arquitectónico do Chafariz das Bravas, que acolhia os visitantes à aproximação das Portas de Alconchel. O conjunto arquitectónico vem em resposta a necessidades muito práticas, a água, elemento escasso e necessário para as pessoas e animais que aí passavam. De carácter mais rural, é um elemento importante na cidade, representado numa gravura do Foral de Évora, que data do ano de 1483.

O Chafariz das Bravas foi-se adaptando às necessidades práticas da vida urbana, sendo modificado o seu desenho, disposição, número de tanques e até número de bicas de água que abasteciam o Chafariz. É descrito em documentos que neste local decorria o mercado do gado, sendo aqui efectuadas as trocas comerciais, de forma a afastar da área nobre da cidade, actividades deste tipo. Com o decorrer dos tempos foi sendo abandonado, remetido ao esquecimento, absorvido pela evolução extra-muros da malha urbana, deixando de representar um marco na aproximação à cidade. Inicialmente a chegada à cidade era efectuada pelas portas de Alconchel, logo esta é a principal via de comunicação com a cidade. Com o crescimento urbano da cidade, e com o evoluir da tecnologia, novos requisitos foram sendo impostos para a normal vida da cidade. Desta forma, foi construída a nova Avenida Túlio Espanca, sendo efectuada uma profunda modificação na topografia do terreno, assim como a construção do terminal rodoviário, e a estação de serviço, que vieram modificar a topografia existente, cortando a continuidade no terreno. Desta forma a zona do chafariz, ermida de São Sebastião e cemitério surgem como elementos isolados da restante topografia. A expansão urbana da cidade para a zona fora da muralha não foi tendo em atenção a continuidade da malha urbana de forma uniforme, ao longo do tempo foram aplicadas diferentes lógicas em cada área, assim como a estrada circular em volta da muralha veio reforçar a separação entre estas duas áreas, funcionando como um corte numa ligação que deveria ser intuitiva.

Desta forma surge no contexto da disciplina de Projecto Avançado III, um exercício que consiste numa proposta urbana que resolva a problemática do percurso pedonal entre um dos seus bairros periféricos e o centro da cidade. Depois de analisada a malha urbana de Évora, decide-se intervir numa ligação pedonal entre o bairro da Malagueira e o centro da cidade. O percurso pretende-se caracterizar pela construção de equipamentos culturais que requalifiquem e tornem mais atractivo o percurso. Das três áreas apresentadas para escolha, no contexto do exercício para se efectuar a intervenção (entre a estação de serviço e o muro de cemitério, o atravessamento pelo terminal rodoviário, e por fim a zona junto do Chafariz das Bravas), a proposta aqui apresentada implanta-se na área do Chafariz das Bravas. Este foi o local escolhido, pois aqui se encontra uma peça de grande importância na história da cidade que se encontra remetido ao esquecimento, abandonado e absorvido pela malha urbana, tendo perdido a sua importância enquanto marco de aproximação à cidade.

A proposta surge como um diálogo entre o edifício histórico e a nova intervenção, não se tratando de uma intervenção sobre o património, nem como uma intervenção no edificado, mas antes com o património. De forma a voltar a recuperar o conjunto do Chafariz, a intervenção aparece como um elemento que o volta a enquadrar, repondo o protagonismo e importância neste elemento. A forma encontrada de resolução desta ideia, foi a da proposta, funcionar como um fundo de cenário, que contrastava com os elementos arquitectónicos do Chafariz, e retribuindo a estes o devido valor, encenando o seu confronto. Originalmente este elemento encontrava-se destacado da paisagem, contrastando e surgindo nesta de forma natural, construída apenas por vegetação e paisagem agrícola, e implantado propositadamente junto a um dos acessos principais para a cidade, aparecendo como um local de descanso, que acabaria por proporcionar

diversas actividades graças ao fornecimento de um elemento tão escasso neste tipo de paisagem, a água. Local este, que como já foi referido acabou por perder o seu protagonismo ao longo dos tempos. Assim a proposta volta a enquadrar o conjunto do Chafariz das Bravas como marco, redesenhando o horizonte, propondo uma nova estrutura que terá a intenção de voltar a proporcionar actividades, acontecimentos, vida, enquadrando-o novamente como um marco, encenando o seu aparecimento. Esta nova intervenção teria o carácter de trabalhar com o elemento existente, trabalhando com o património.

Desenhar um novo fundo, enquadrar o Chafariz remete-nos para conceitos que normalmente são aplicados em teatro, tornando-se de todo pertinente que fosse efectuada uma pesquisa que visasse fundamentar o conhecimento sobre a forma como estes elementos funcionam e dialogam entre si. Foi efectuada uma pesquisa histórica sobre a evolução dos conceitos de teatro, como foram mudando as abordagens e diferentes linguagens cénicas. Esta abordagem tem como intenção a de clarificar abordagens diversas e qual seria a mais intencional e acertada, e por sua vez efectuar uma reflexão em como estas se podem transpor para a arquitectura. Uma vez que falando de teatro, as linguagens e abordagens terão sempre um sentido provisório, e efectuando a transposição para arquitectura, como não se perderá a intencionalidade de carácter permanente. A linguagem teatral passa então a desempenhar um papel fulcral no desenvolver da proposta.

Como objecto de estudo existem duas relações propostas, como referidas pelo enunciado da disciplina.

É efectuada uma reflexão sobre a relação entre periférico e central, como uma zona de periferia se pode relacionar com a zona central de uma cidade, esclarecendo a ligação e no caso proposto por meio de um percurso pedonal, à escala da cidade.

Intimamente ligado surge a relação entre o novo e o velho, a linguagem adoptada para criar uma ligação entre uma estrutura existente e uma nova proposta, criando uma relação conceptual de leitura entre a arquitectura e o teatro, sendo este caso numa escala mais aproximada, do local proposto de intervenção.

A proposta surge como resposta ao enunciado da disciplina de Projecto Avançado III, que coloca a questão, como resolver o percurso pedonal entre o Bairro da Malagueira e o Centro Histórico da Cidade de Évora?

No desenvolvimento do projecto surgem novas questões, uma vez que o local escolhido dos três possíveis foi o mais próximo do bairro da Malagueira, na área do Chafariz das Bravas.

Quais os problemas encontrados no percurso entre estas zonas tão próximas? Como requalificar um espaço que ficou abandonado no decorrer da evolução da malha urbana? Um monumento pode voltar a ter o impacto de referência no território? Podemos recrivar um momento de chegada evidenciando-o? A experimentação cenográfica pode ser utilizada como desenvolvimento de pensamento arquitectónico? Como efectuar um diálogo entre uma nova proposta e uma estrutura de importância histórica?

ABSTRACT

Architecture as Urban Scenography

Evora being a city with several centuries of history and urban evolution, the area inside the walls are well consolidated, and the paths and main roads are well defined. With the evolution of time, the city was changing to the needs of the inhabitants, being this in a natural way, giving time for the changes to take place. The city was occupying the places inside the medieval walls, because this was the place more protected against exterior attacks. Despite this construction logic, there were some buildings outside the walls, small constructions that marked the beginning of the urban area. As an example of this type of constructions, we have the Chafariz das Bravas, that welcomed the visitors that come on the road from/to Lisbon. This building is the answer to a very practical question, the necessity of water, needed to the animals as to the people. This building is represented at the regia letter from 1483.

This place has been adapting to the needs of the city, changing various aspects, as number of tanks, disposition, etc. It is written in documents, that in this place there was the animal market, as a way to have this kind of business away from the noble city center. As the time goes by, this building has been absorbed by the urban landscape, is no longer a mark of the urban area but another monument, without the same meaning. At the beginning the entrance to the city was made by the "Portas de Alconchel", with the pass of time, new needs appeared, and technological developments. In this way, appeared the new "Avenida Tulio Espanca" with lots of changes in the topography of the city, cutting the connection between this landmarks. So appears the new bus terminal, gas station that changed even more the topography. The expansion of the urban landscape outwards the city center didn't have the same logic, so in each neighborhood, as the new road along the city walls even separated more the city center, in a connection that should be normal and natural.

So appears as a new exercise at "Projecto Avançado 3", that consists in search of the answer to the normal connection between this two points. It is decided to make the connection between Malagueira and city center. At this path, there is the need to create new events, buildings of cultural aspect that make this path more pleasant. Of the three areas shown, (close to Portas do Raimundo, bus terminal and Chafariz das bravas) the chosen one was Chafariz das Bravas. This was the chosen place because there is an important piece of history, forgotten and absorbed by the urban landscape, losing the aspect of landmark.

The suggestion here presented, appears as a talk between the historical building and the new one. The objective is to regain Chafariz das Bravas as a landmark, being the building around the old one, drawing a new horizon. The solution found, was to assume the new building as a scene background, reenact the horizon. As it was originally build, chafariz das bravas was a isolated building in the landscape, with just land and trees, close to the main road to Lisbon, it appears as a resting place. As it has been said, the objective of drawing a new horizon, and the new structure creating new life to this place, being again a new landmark to the city.

This kind of topic are used in theatre, so it was completely logical to study the evolution of theatre, gaining new knowledge about scenography and architecture. Has been made a historical study about the evolution of theatre and scenography, and the different scenic languages. This study has the objective of clarifying this kind of theory, and to find which could be the most correct one, and also making a reflexion about this different kinds of construction. How can we find a solution to pass the temporary aspect of scenography to the permanent aspect of architecture without losing the meaning.

As object of study there are two suggestions. It is made a reflection about the peripheral and the city center, making this connections more natural, with a walking path between the two points, being this one at the scale of the city. Also there is the relation between the old and the new, the kind of language adopted between both buildings, creating a conceptual relation between architecture and theatre, being this at the neighborhood scale.

How to make the path between the city center and Bairro da Malagueira?

Why choose the terrain close to Chafariz das Bravas?

Which are the problems found at the path?

How can we requalify a space that has been forgotten?

A monument can gain new impact as landmark?

Can we reenact the moment making it more obvious?

Can scenography be used as architecture experiments?

O LOCAL

ENUNCIADO

Como premissa da cadeira de projecto avançado III, orientado pelo professor João Maria Trindade e a professora Inês Lobo, no ano lectivo de 2009/2010, o exercício apresentado consistia em qual deveria ser o percurso que se efectuaria entre um bairro periférico da cidade e o centro histórico.

Ao longo da história da cidade, esta foi desenvolvendo a sua malha urbana, adaptando-se às necessidades, renovando e alterando, chegando aos nossos dias a um ponto de ocupação em que todas as peças da cidade trabalham em conjunto, definindo e caracterizando o percurso. Sem nenhum tipo de planeamento, o centro histórico da cidade, foi evoluindo de forma natural, resultando em diversas camadas na cidade, que se foram sobrepondo e interligando naturalmente. O desenvolvimento ocorreu sempre de forma organizada e precisa no interior das muralhas, uma vez que no exterior existiam pequenos edifícios que se encontravam afastados da malha urbana. Com o movimento de pessoas das áreas de campo para as áreas urbanas, ocorreu na cidade de Évora o aparecimento de diversas urbanizações que foram crescendo de forma independente, não existindo ligação directa entre estas e o centro histórico. Foram ocupando antigos terrenos que em tempos pertenceram a quintas que envolviam a cidade, localizando-se afastadas das portas da cidade.

Com este crescimento para a sua área fora das muralhas, foi necessária a realização de um plano urbano que reorganiza-se o crescimento da cidade na sua zona periférica. É neste contexto que surgem as primeiras propostas do arquitecto DeGroer, com desenhos de como a expansão urbana deveria de ocorrer. Nestes planos, a linguagem de distribuição das construções é completamente diferente da que se tem do interior das muralhas. Mas este plano acabou por não ser respeitado, e continuando a suceder-se o crescimento de construções, por vezes de forma ilegal. Uma vez que a massa populacional da cidade foi crescendo no seu exterior da área amuralhada, surgiu a necessidade de propor novas vias de comunicação entre o centro e os seus bairros periféricos. Estas ligações, foram pensadas no ponto de vista do automóvel, sendo que a cintura de circulação na área junto às muralhas acaba por se tornar uma barreira para a continuação de zona edificada entre centro histórico e bairros periféricos. Assim, cada bairro foi construindo os equipamentos que eram necessários, sendo estes pequenos núcleos que conseguem ser independentes do centro, e como se encontram afastados do centro, as pessoas apenas deslocam-se nos seus automóveis.

Este fenómeno ocorre não tanto devido à distância a que as pessoas se encontram do centro, mas antes por neste percurso, não existirem edifícios, acontecimentos, e o percurso pedonal acaba por se tornar penoso.

Assim depois de toda a pesquisa efectuada, foi decidido em conjunto que o enunciado seria sobre um percurso pedonal entre o bairro da Malagueira e o Centro Histórico.

Foi definido que o objectivo do trabalho seria o desenvolvimento de estratégias operativas que permitam reequacionar a possibilidade de ligação pedonal entre o Centro Histórico da Cidade de Évora e os Bairros habitacionais periféricos, no caso presente o Bairro da Malagueira.

Existem diversas possibilidades de ligação da cidade intra muros, para o bairro da Malagueira, sendo a ligação pela Avenida da Malagueira, Avenida dos Salesianos e Rua Serpa Pinto já ter sido proposta pelo Arquitecto Siza Vieira. Nesta situação foi seleccionada a ligação que contivesse em si diversos requisitos, entre eles a área livre para construção de novos equipamentos e que fosse uma alternativa à ligação existente.



PERCURSO PEDONAL

O percurso definido está contido entre as Portas do Raimundo (intra e extra-muros), Rotunda do Raimundo/ Lado Norte, faixa marginal ao muro do Cemitério/ Lado Sul, Pátio do Terminal Rodoviário de Évora, terreiro junto à Escola André de Gouveia, Ermida de S. Sebastião e Chafariz das Bravas.

Uma vez decidido o trajecto do percurso, começou-se por analisar os problemas do mesmo. Esta ligação ao longo do tempo foi sendo severamente alterada, tanto na sua topografia, que foi modificando, como os limites do terreno, à medida que foram sendo construídos novos equipamentos. Com este cortar de ligações topográficas, surge a mata de São Sebastião como uma pequena ilha no conjunto da malha urbana, uma vez que esta topografia não permite o acesso directo ao seu interior. Com a construção das vias rodoviárias acabou também por se tornar a passagem para as outras zonas mais complicada.

São seleccionadas 3 zonas de intervenção a serem escolhidas pelos alunos. Temos a Zona A definida pelo limite do muro do cemitério, a Avenida Túlio Espanca, acesso ao Terminal Rodoviário e Portas do Raimundo. Zona B definida pelo muro do cemitério e o pátio do Terminal Rodoviário. Zona C definida pelo terreiro junto à Escola André de Gouveia, Avenida de São Sebastião e Avenida do Dique.

No caso da Zona A, a topografia do local foi muito modificada, existindo ruínas, canais de irrigação em pedra, de uma antiga quinta, sendo esta uma zona limite do projecto, muito aproximada da nova estrada que faz a chegada do visitante. Temos neste local como referência o muro do cemitério, que desenha o limite do terreno a norte. Existe também um posto de abastecimento de combustível.

Na Zona B, trata-se do parque de estacionamento do terminal rodoviário, sendo uma zona de muito movimento, e serve de garagem para os autocarros da rodoviária. Nesta zona a proposta a ser colocada seria, de apoio ao terminal rodoviário.

Na Zona C, encontra-se o conjunto do chafariz das bravas. Este local define um marco no percurso. O chafariz faz parte de um conjunto histórico desenhado pela Ermida de São Sebastião. Temos muito próximo do chafariz, a Avenida Túlio Espanca.



zonas de intervenção

Zona A - Extra-Muralhas das Portas do Raimundo

Área de Implantação: 7450 m²

Zona B - Pátio do Terminal Rodoviário

Área de Implantação: 6000 m²

Zona C - Conjunto do Chafariz das Bravas

Área de Implantação: 6750 m²



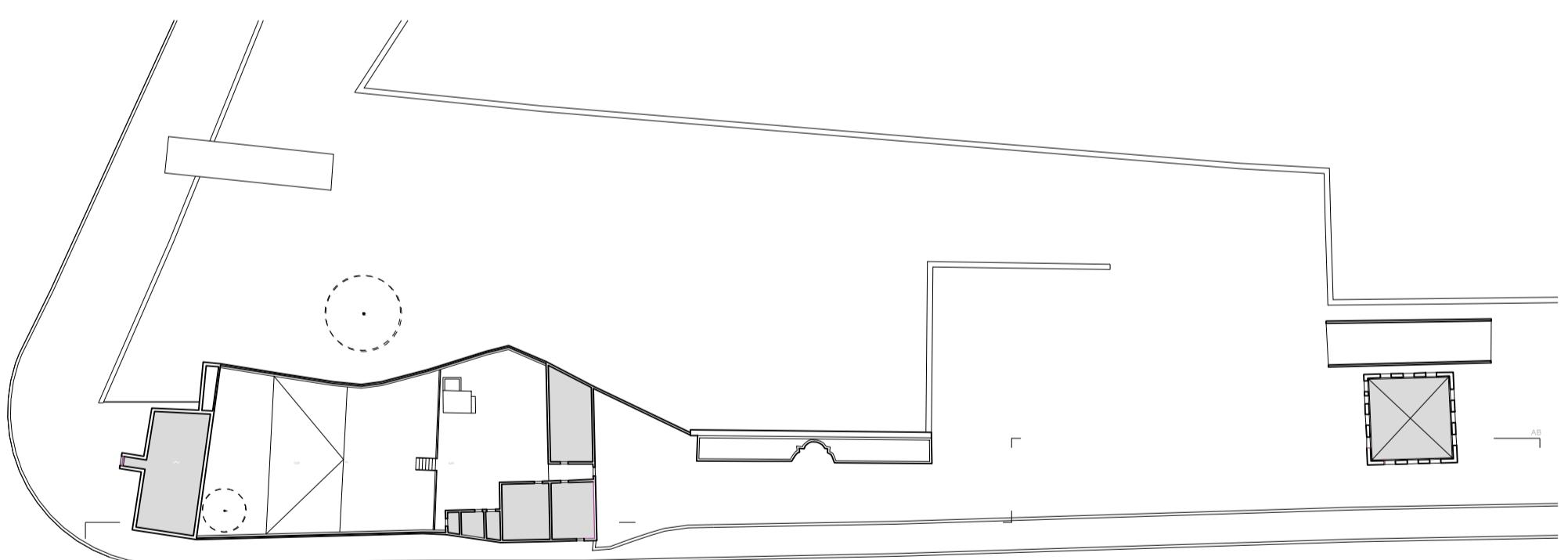
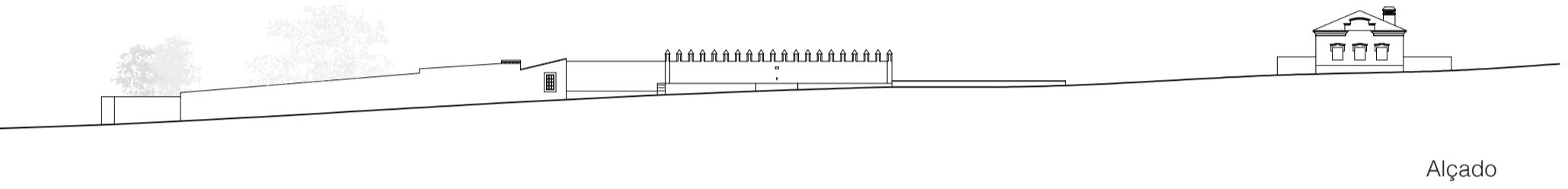
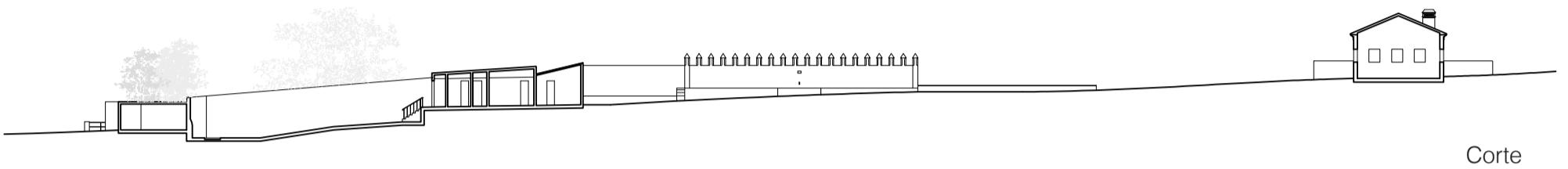
LOCAL DE INTERVENÇÃO

Neste caso específico, a área de intervenção localiza-se na área envolvente ao Chafariz das Bravas. Edifício emblemático e de grande carácter cultural da evolução da própria cidade. Em tempos, foi um edifício que marcava a entrada na área urbana da cidade, sendo a primeira construção a acolher o visitante, tratando-se de uma estrutura composta por três tanques, que tinham como intuito fornecer água. Com o evoluir da malha urbana de Évora, este elemento que outrora fora uma construção isolada, passou a estar absorvido na própria estrutura da cidade.

Inicialmente o chafariz foi construído como resposta a uma necessidade prática, o acesso a água. Local de diversas designações, entre elas o de mercado do gado, encontrando-se neste conjunto uma pequena casa, que seria o local onde se encontrava a balança para se pesar o gado. Para o habitante do bairro da malagueira, que queira deslocar-se a pé até ao centro histórico, este será o ponto de partida do seu percurso.

O conjunto do chafariz é ainda complementado com a Ermida de São Sebastião, que se encontra na mata de São Sebastião, de modo que estes elementos fecham um recinto, marcando um local. Com o evoluir do tempo, esta ligação, que em tempos terá sido bastante evidente, foi completamente cortada com a construção das estradas rodoviárias, sendo o próprio terreno cortado, alterando a sua topografia, e tornando o espaço que anteriormente os ligava, num local de passagem, deixando este de se tratar de um local de permanência.

Nos nossos dias apenas resta a ligação visual. O conjunto no projecto passa então a ter uma importância significativa, sendo que o local se trata de um dos principais locais de entrada na cidade devido à sua visibilidade, e ligação directa com o bairro da malagueira, deve de ser tido em conta como um importante local na cidade.



HISTÓRIA DO LOCAL

Segundo o autor Túlio Espanca, o conjunto do chafariz das Bravas atribui a sua construção ao senado Eborense no ultimo terço do século XV, existindo registos deste elemento na carta régia de D. João II em 1483. Segundo documentos oficiais, este elemento sofreu obras em Março de 1528, efectuadas pelos mestres pedreiros Luís Lourenço e Domingos Reis. Dez anos depois, a vereação eborense mandou efectuar correcções no caminho que liga o Chafariz das Bravas e as Portas de Alconchel.

No Tombo Municipal de 1651 é referida a configuração do chafariz, existindo uma bica de mármore e um tanque, que posteriormente passava a água para outro tanque, que servia para a lavagem dos animais, estando depois este a fazer o despejo das águas do tanque para a ribeira da Torregela.

Existem novos documentos a referir novas intervenções aquando da visita de D. João V, em 1728, não se conhecendo o carácter destas intervenções. Em 1849 o autor Augusto B. Elerperck descreve o chafariz, disposto em 3 bicas, onde corria a água para um tanque. Existia um outro tanque adjacente, de onde a água seguia para outro tanque, sendo este descrito como assemelhar-se a um lago, e próximo deste existia outro tanque de menores dimensões que seria utilizado como lavadouro.

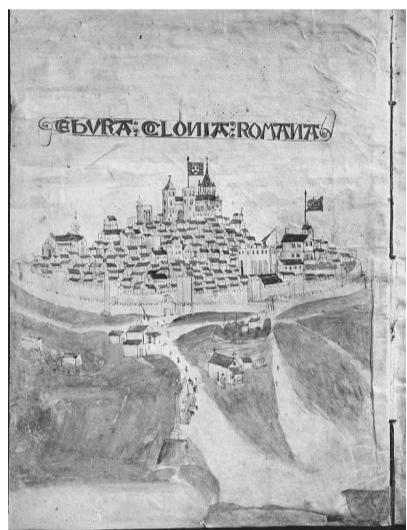
Em 1903, existe novo registo de obras no chafariz. O chafariz é descrito como estando a receber água de duas fontes próximas, correndo esta em canos separados, e existindo relatos de 3 bicas, sendo estas uma para cada nascente e uma terceira para temperar a água. Posteriormente permaneceu apenas uma bica com água de ambas as nascentes.

O autor Túlio Espanca refere que em 1966, existia na parede do chafariz um brasão de armas, e refere as ameias. Existem também registo de alteração na topografia entre o chafariz e a Ermida de São Sebastião, tendo o chão sido nivelado, uma vez que nesta zona decorriam mercados, romarias e feiras de gado.

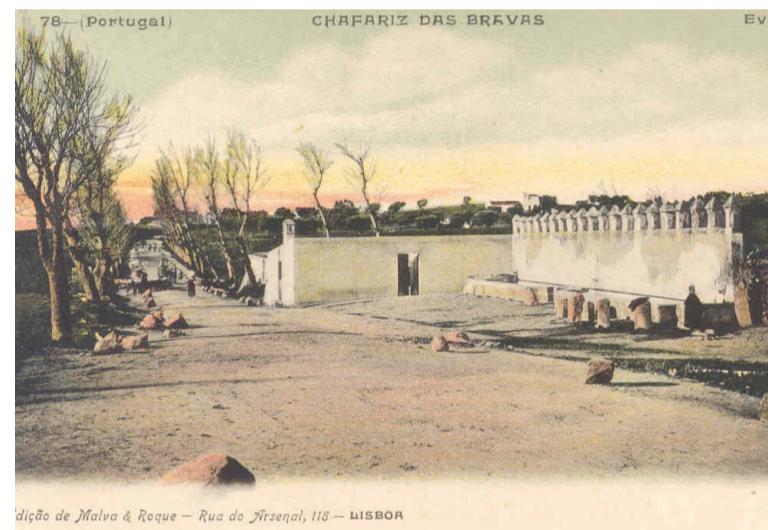
"(...) a ermida de S. Sebastião, a poente, embora tivesse as características necessárias para poder ser um elemento estruturante daquele crescimento - à ilharga da estrada de Lisboa, lugar central hierarquicamente superior a Évora, principal mercado fornecedor de bens e serviços e principal receptor dos bens produzidos na região e à ilharga da fonte Chafariz das Bravas, local de paragem obrigatória para as pessoas e animais -, nem a sua condição topográfica, bem elevada relativamente a estrada, induziu o estabelecimento permanente de vendas (embora elas estivessem presentes anualmente, por ocasião de festas) (...)" António Borges Abel

Quanto ao nome, chafariz das bravas, este é defendido pelo autor Augusto B. Elerperck como sendo uma derivação do nome fonte das Fragas.

Actualmente o chafariz apresenta uma bica que corre água para um tanque de mármore, e o tanque adjacente encontra-se murado. Existe também próximo a casa da balança. As vias rodoviárias existentes vieram alterar a topografia. Como referido anteriormente, estes elementos vieram cortar a ligação, deixando a mata de São Sebastião como um elemento isolado de difícil acesso.



Gravura da carta Régia, 1483



Postal do Chafariz das Bravas



Ermida de São Sebastião,
Arquivo Fotográfico de Évora



Ermida de São Sebastião, Arquivo Fotográfico de Évora



Postal do tanque do Chafariz das Bravas



Chafariz das Bravas, Arquivo Fotográfico de Évora

chafariz das bravas na actualidade



Casa da Balança, 2010



Tanque do Chafariz, 2010



Zona Posterior do Chafariz, 2010



Vista Frontal do Chafariz, 2010



Chafariz das Bravas e Casa da Balança, 2010



Chafariz e Bairro da Malagueira, 2010

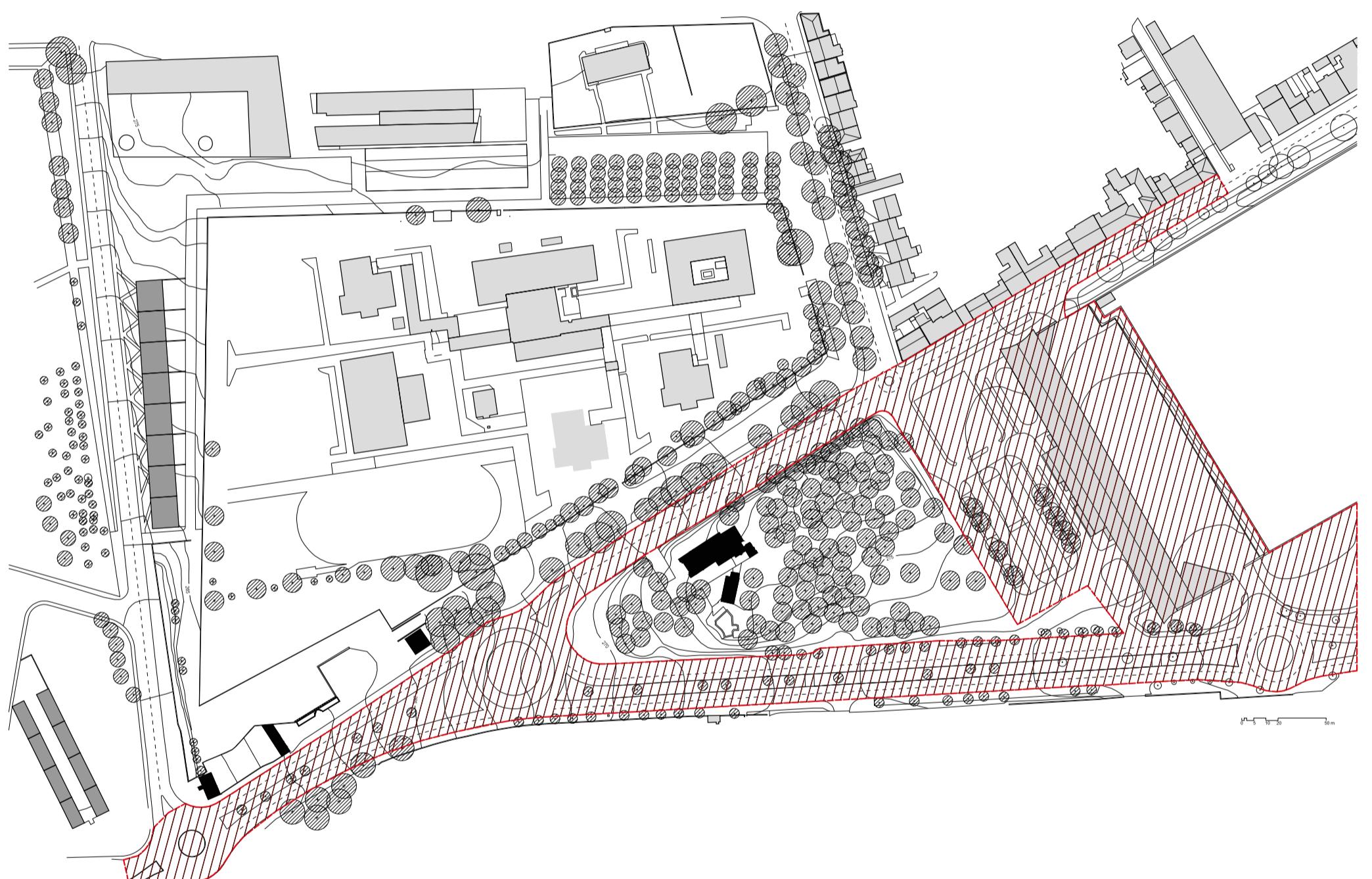
evolução da topografia

Legenda

||||| Zona de alteração de Topografia

■ Chafariz das Bravas e Ermida de São Sebastião

■ Edificado



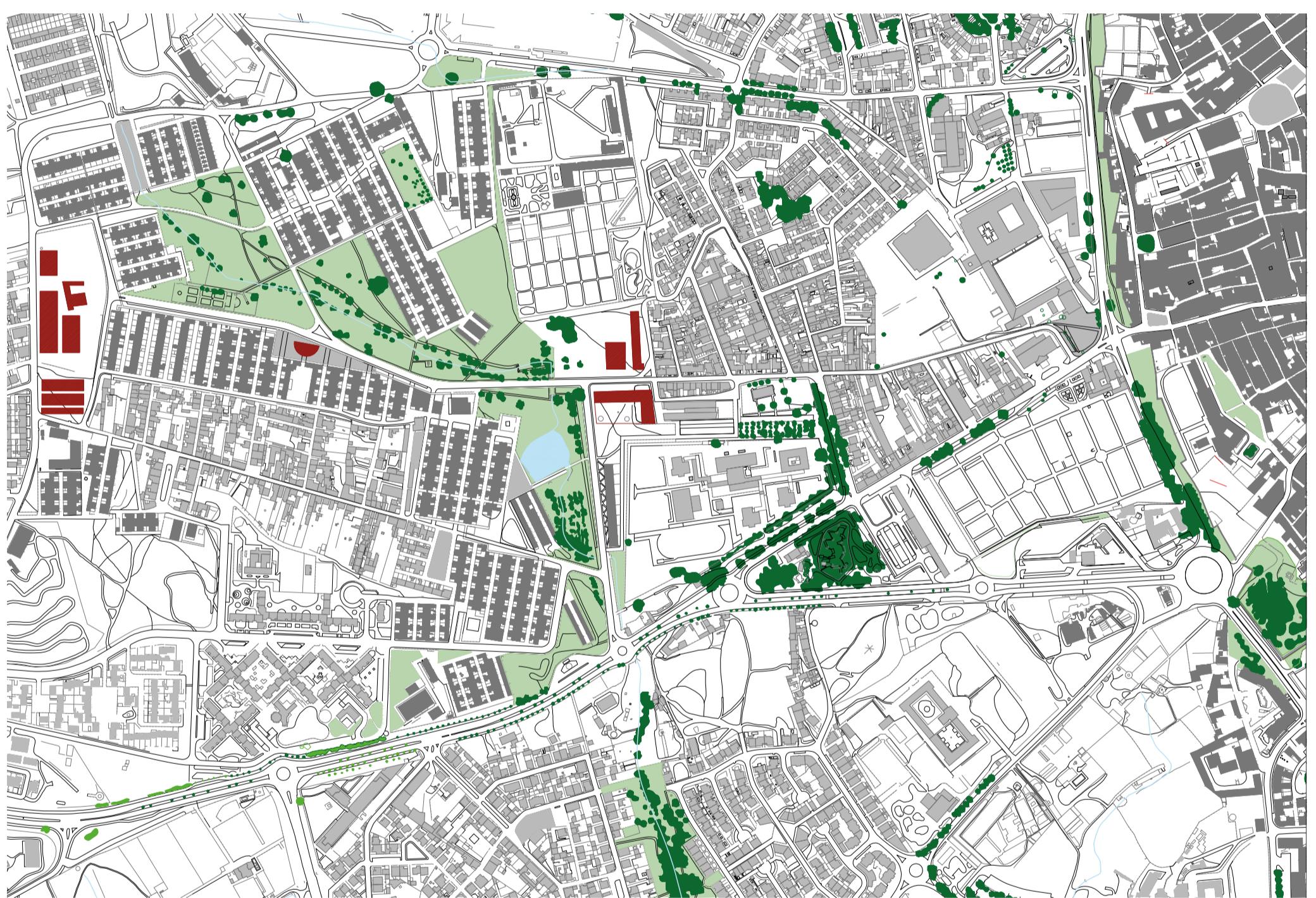
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Uma vez que o exercício proposto incide sobre o percurso pedestre entre o Bairro da Malagueira e o centro Histórico da cidade, são analisados os problemas encontrados no percurso. Ao se percorrer o centro histórico, existem sempre edifícios, comércio, jardins, elementos que vão pontuando o percurso. Ao iniciar o percurso para fora das muralhas muitas vezes o encontrado é bem diferente. Ao se iniciar o caminho pelas Portas do Raimundo, encontra-se um terreno vazio, sem zonas cobertas ou protegidas por vegetação ou arvoredo. Esta situação mantém-se até nos aproximarmos do terreiro em frente à escola André de Gouveia, zona esta já marcada por árvores de grande porte que protegem o percurso pedestre. Saindo pelas Portas de Alconchel o percurso vai sendo pontuado por comércio e vegetação. Na zona do Chafariz das Bravas, temos o caminho de pé posto que contorna o chafariz pela sua zona posterior, onde apenas existe uma árvore. Ou seja, durante o percurso pedestre, este vai sendo protegido das chuvas e sol pelo arvoredo existente, e vai sendo pontuado com habitação e comércio, diversificando o percurso. A passagem em frente ao chafariz, junto à avenida Túlio Espanca, encontra-se um passeio estreito, sendo a proximidade com a estrada desconfortável.

No projecto do bairro da Malagueira, existiram equipamentos que não foram construídos, que se encontravam no projecto, entre eles uma cúpula na zona central do bairro, uma casa de chá, uma zona comercial, restaurante e um hotel. Estes equipamentos iriam completar as infra-estruturas do bairro.

Legenda

-  Edificado Malagueira e Centro Histórico
-  Edificado Bairros Periféricos
-  Edificado não construído Bairro da Malagueira
-  Zona Verde
-  Corredor Verde
-  Linhas de Água



CONCEITO DE INTERVENÇÃO

Ao iniciar a análise do local, encontra-se a necessidade de criar um ponto de ligação para se desenhar o percurso. Inicialmente é redefinido o limite da escola André de Gouveia, tendo em consideração a topografia existente, utilizando uma zona de terreno abandonada.

Surge então a necessidade de voltar a atribuir a este local a sua importância como marco no percurso. Inicia-se o desenvolvimento do projecto com um programa específico de apoio ao bairro. Como decisão de projecto, tendo em consideração a importância deste monumento da cultura popular e não querendo que o novo programa se sobreponha ao existente, é criado um edifício que se desenha como o fundo de cena, de forma a voltar a evidenciar o Chafariz.

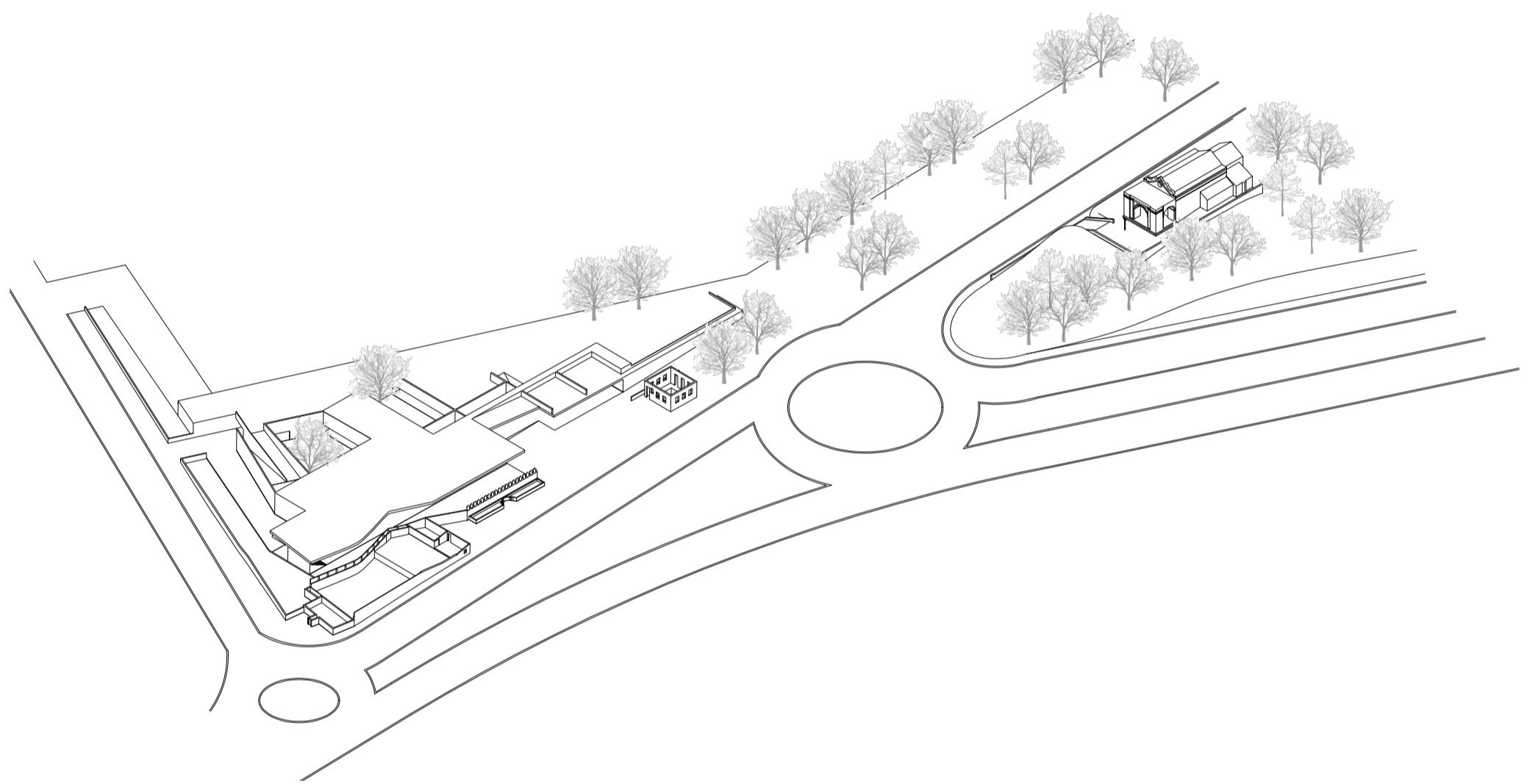
A proposta surge então como um diálogo entre o edifício histórico e a nova intervenção, não se tratando esta de uma intervenção sobre o património, nem como uma intervenção no edificado, mas antes com o património. De forma a voltar a recuperar o conjunto do Chafariz, a intervenção aparece como um elemento que o volta a enquadrar, repondo o protagonismo e importância neste elemento.

Um dos problemas encontrados consiste em o percurso se encontrar desprotegido nesta zona, isolado, descoberto. É proposto desenhar um elemento que volte a tornar o percurso protegido, assumindo este a forma de uma pala, dentro da qual se desenvolve o programa.

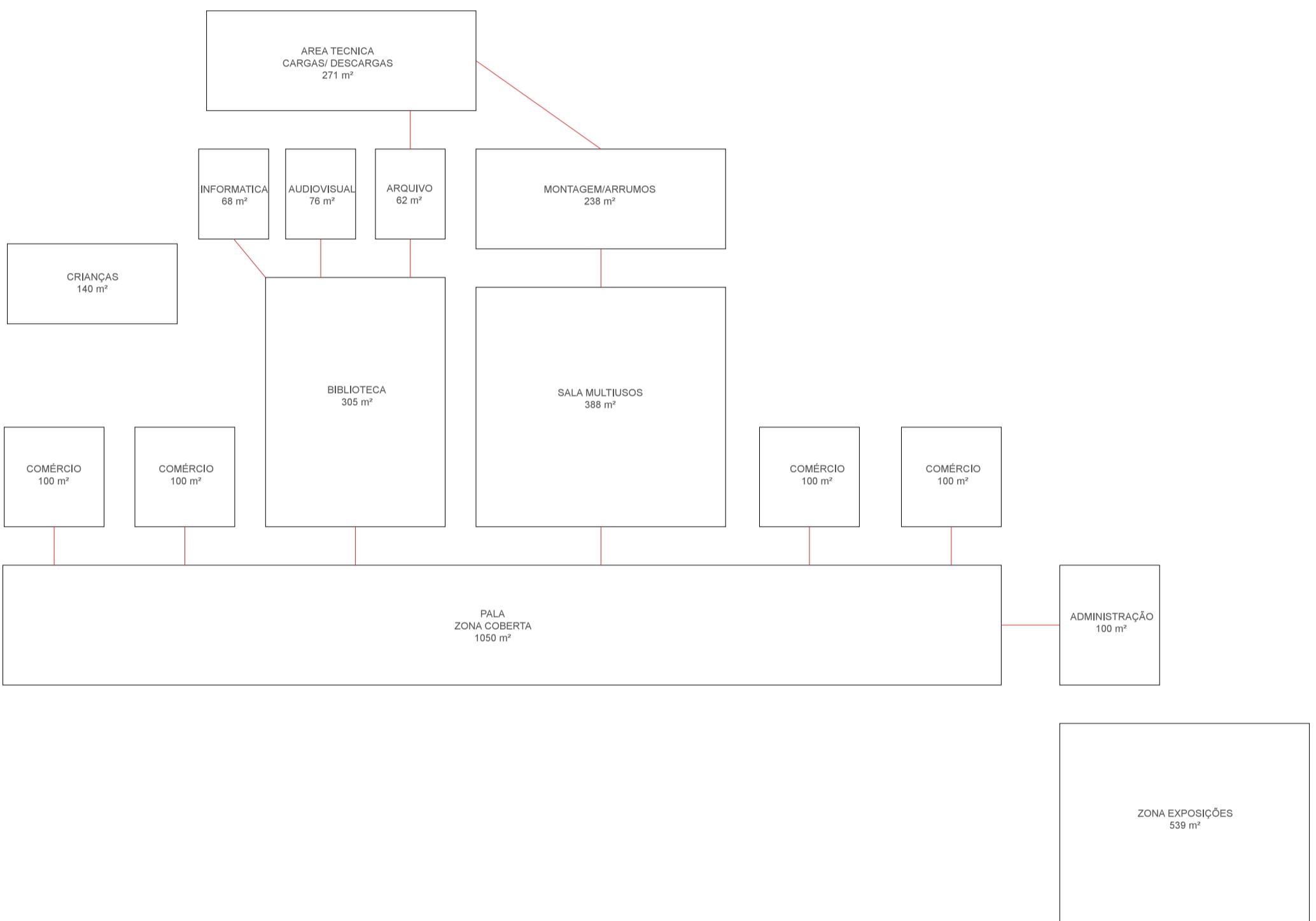
A forma encontrada de resolução desta ideia, foi a do novo elemento a ser construído, funcionar como um fundo de cenário, que contrastava com os elementos do Chafariz, e retribuindo a estes o devido valor, encenando o seu confronto, voltando a atribuir ao chafariz a importância de marco.

"De entre os vários limites que vão conformando e orientando o crescimento da cidade, alguns dos que, embora de uma forma aparente e sem significado no contexto da cidade física, aparecem como limite mental, pela carga simbólica que representam e transmitem, são as capelas, igrejas, ermida e cruzeiros que ladeiam os caminhos que partem da cidade ou ai chegam.

Verdadeira guarda avançada da civilização, em oposição ao caos, é nesses edifícios religiosos que se encomenda a alma quando se tem que abandonar o conforto da cidade, da segurança e da ordem, para viajar pelo desconhecido, por estradas pejadas de salteadores de onde não há certezas de voltar vivo, pelo que a religião adquire, sob a forma de um templo, o valor de um seguro de viagem" António Borges Abel



organograma



TEMA TEATRO

"Desde há muito tempo estou saturada da distância público – palco..."

Sempre me fascinou coisas fora do sitio. Uma coisa de que gosto muito são ruínas. Há uma série de casas em Lisboa onde eu adoraria fazer um espectáculo. Fascina-me imenso passear na rua e ver um sofá que foi deitado fora... Apetecia-me fazer um espectáculo ali, já e agora! Pontualmente, tenho tentado sair dos palcos, porque acho importante... não é só a cenografia mas todo o ambiente à volta(...)" Olga Roriz

Cenografia durante muitos anos que foi interpretado como uma imitação de algo existente, de algo simbólico que representa-se ícones da sociedade, algo com que as pessoas se pudessem identificar. Mas podemos pensar de maneira oposta, em como a sociedade constrói para si grandes cenários teatrais para lá poderem viver, algo com que se identifiquem, algo que considerem que melhor a caracterizam. Mas ao longo do tempo, ao se mudarem as prioridades, com as mudanças na forma como se encara a vida, existem elementos de toda esta construção de uma realidade que acabam por ser marginalizados, afastados da realidade por não se enquadarem nas necessidades actuais. Uma vez que estes elementos deixam de servir o propósito para que foram construídos, estes são abandonados, menosprezados, ignorados. Assim acontece na arquitectura, com edifícios que em tempos tiveram importância, pois a sociedade necessitava dele, era algo fundamental para a existência de um lugar. Mas com o passar do tempo, com novas construções, estes inicialmente abandonam-se, e quando apesar do seu abandono, estes se conseguem manter, apenas resta a sua ruína e uma leve memória. Assim como acontece na arquitectura, o excerto da coreógrafa Olga Roriz transmite esta sensação, e tomando como objecto algo banal, um sofá que deixa de exercer a sua função e é abandonado.

Mas por vezes, o próprio elemento contém em si qualidades, e basta um pequeno gesto para que estes voltem a ganhar o seu devido valor, uma nova importância. Um novo ponto de vista sobre este elemento, a visão de alguém que olha para os elementos não com uma visão imediata, mas com um pensamento intemporal. E ao se ter essa atitude perante as coisas, ao se assumir esse risco, ao voltar a atribuir protagonismo a um elemento esquecido, poderá ocorrer um estranho mas interessante acontecimento. Algo que era menosprezado, volta a ganhar força, todos passam a olhar para ele como algo de valioso, precioso, com imensas histórias para contar. Como referência temos as seguintes definições. Espaço cénico é o lugar próprio da teatralidade concreta. Materializado de múltiplas formas e tamanhos. Segundo Anne Ubersfeld, pode ser:

"Limitado consoante o seu tamanho

Duplo no sentido de cenário/sala, dependendo da forma da sala e do tipo de sociedade que nela se insere, e quanto às suas hierarquias

Codificado pelos hábitos cénicos do lugar e da época(a época moderna caracteriza-se pela multiplicidade de espaços e ruptura de códigos, o que não significa que estes tenham desaparecido) por exemplo o cenário clássico estreito e pouco profundo enquanto que no caso Isabelino este permite as cenas de combate com múltiplos actores.

Por se tratar de uma imitação ou reflexo de algo, de um lugar exterior do homem ou do seu interior, em qualquer caso, este trata dos espaços sócio-culturais

Uma área de jogos

A construção do espaço teatral pode ter diversas premissas, assim como:

Desde o texto, ou com a ajuda do texto, ou até mesmo em conjunto

Desde a cena a partir de um certo numero de códigos de representação, ou com a ajuda do lugar cénico. A relação do cenário com o publico, a percepção que o espectador pode ter do espaço cénico ou das suas relações com este espaço. Tem que se ter em conta que a relação de espectadores/actores, é determinada em grande parte a concepção teatral que se vai desenrolar, e a arquitectura, como primeira instância pode favorece-la ou prejudica-la. Intuição ou visão especial que um artista plástico pode impor um universo específico. Combinações das premissas anteriores"



Negros, Vermelhos e Ignorantes; Arq. João Mendes Ribeiro

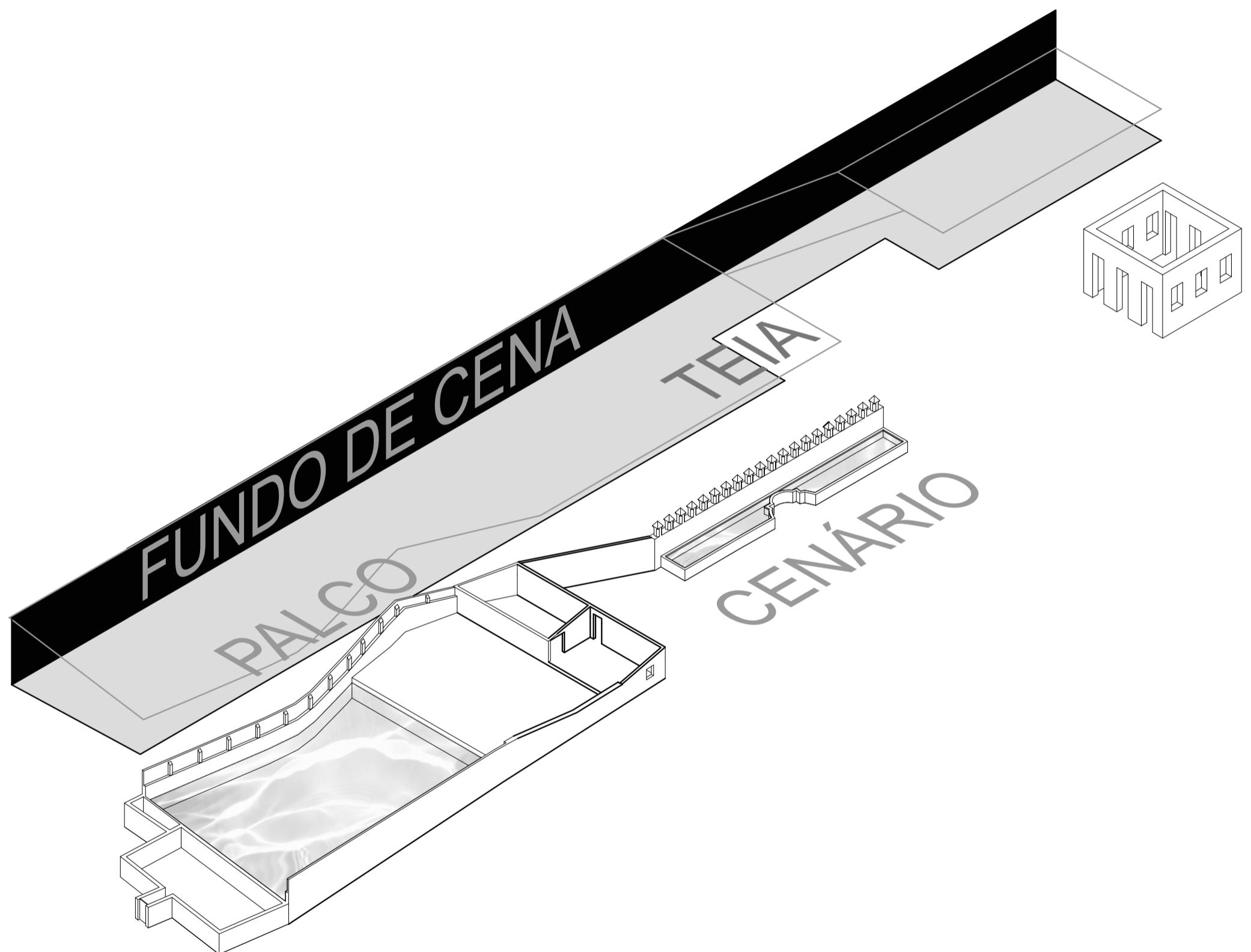


Teatro del Mondo; Arq. Aldo Rossi



Cenografia La Traviata de G. Verdi; Arq. Joseph Svoboda

"Uma cenografia pode impor-se como o dono do espaço, mas depois, dependendo da sua utilização, pode ficar completamente escravizada pelo intérprete" Olga Roriz



PROPOSTA

PLANTA 1/500 INTERVENÇÃO

O local proposto para a intervenção situa-se junto ao chafariz das bravas, por sua vez cria uma ligação directa com o bairro da Malagueira. Situado neste local, o programa aí proposto tem o intuito de se relacionar directamente com a escala do bairro, propondo uma zona cultural e de interacção com os habitantes, propondo uma biblioteca, sala multiusos e uma área de exposições, assim respondendo a algumas necessidades, como a definição de um percurso alternativo para o centro da cidade e a criação de eventos que pontuem o percurso.

Na zona do chafariz já se encontra um caminho de pé posto, evidenciando que este percurso já é utilizado para o centro da cidade, e o edifício proposto define e dá apoio. Este terreno encontra-se limitado pela ribeira da Torregela a Este, a Sul pelo chafariz das bravas e a Norte pelo muro da escola secundária André de Gouveia.

Como primeira intervenção é redefinido o limite da escola, sendo que na zona junto ao chafariz, encontra-se um espaço não utilizado pela escola, devido à topografia do terreno, sendo a área utilizada até ao local onde se encontra o talude. A proposta vem redefinir este limite do muro da escola pelo talude, de forma a utilizar este terreno para a implantação do novo edifício. Mantem-se desta forma, o percurso de pé posto existente e afasta-se a nova proposta do conjunto histórico do Chafariz das Bravas. O principal objectivo deste novo edifício será o de dialogar enquadrando o elemento renegado pelas novas gerações, ao invés de a modificar. Trabalhar com o existente, fazendo com que a importância seja atribuída ao elemento que a ela por direito deve de conter, evidenciando e ressaltando esta construção.

Como referência a este tipo de intervenção temos o exemplo dos teatros Gregos. Os teatros eram localizados fora da malha urbana da cidade, numa encosta. Local sagrado, as pessoas deslocavam-se a estes em procissão. Originalmente construídos em estrutura de madeira, aparecendo os primeiros em pedra no séc. IV a.C..

A plateia encontrava-se na encosta, rodeando em mais de 180º o palco. Local circular reservado à orquestra, os actores encontravam-se no *loegion* da cena, que mais tarde foi substituído pelo *proescénio*.

O principal na peça teatral grega seria a voz falada, existindo num período inicial muito poucos elementos decorativos. Servindo de cenário a envolvente e as peças de arquitectura essenciais. Sendo como principal o ouvir e participar na cerimónia religiosa.

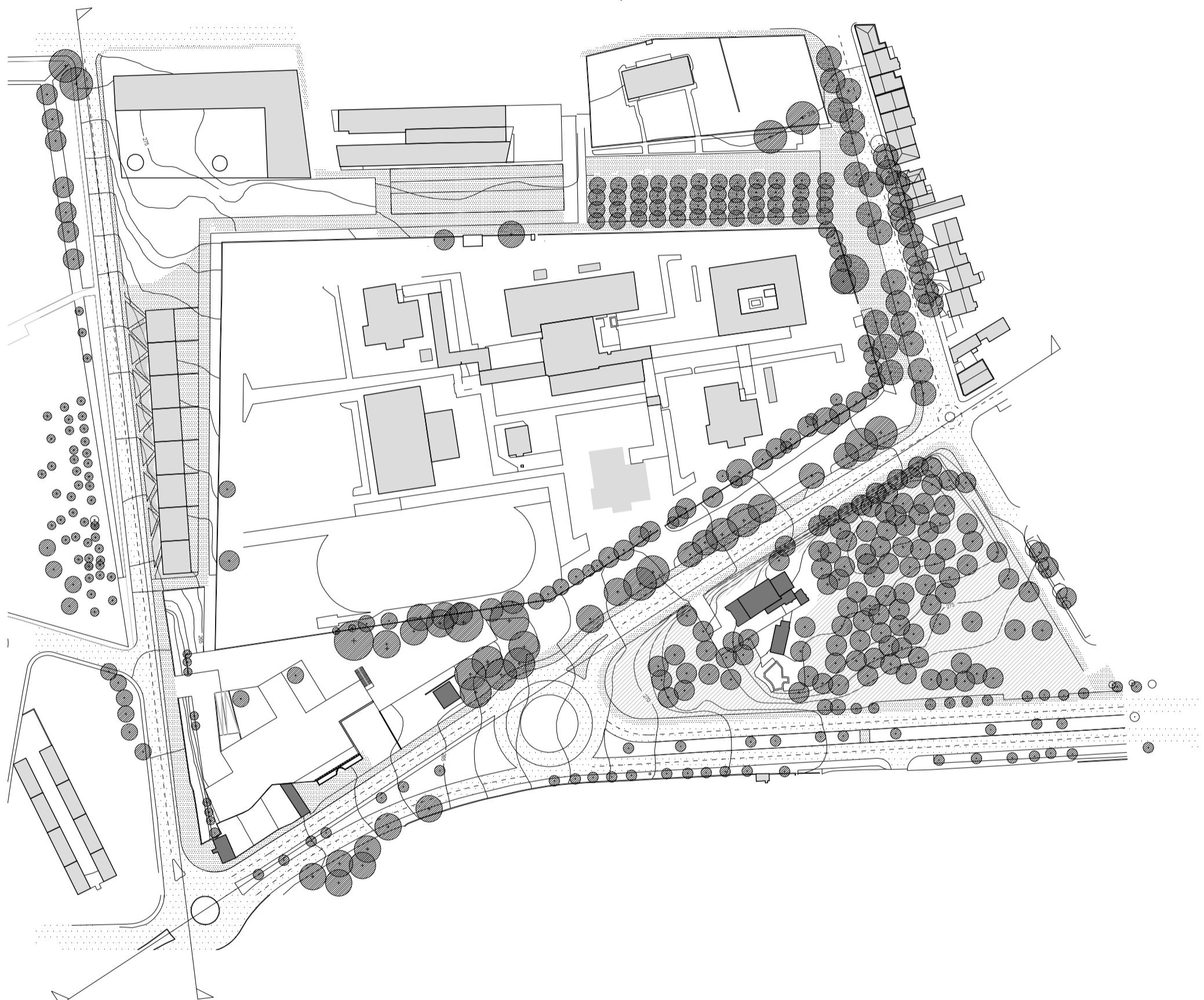
"En un tiempo la escenografía fue arquitectura. Más tarde se volvió imitación de la arquitectura y mucho más tarde aún, imitación de la arquitectura artificial. Entonces perdió la cabeza y desde ese momento se encuentra en el manicómio." Edward Gordon Craig

O cenário era composto por uma parede frontal, com três portas. Existiam cortinas na parede, envoltas numa moldura de *periactes* que continha pinturas, como palácios, fortalezas, um lugar sagrado. etc., Existia também uma peça em forma de prisma triangular, que podia girar sobre si, mostrando novos elementos que poderiam alterar a peça.

No período helenístico a *skene* é de pedra e é composta por colunas e uma base, local onde eram fixadas as pinturas, os *pinakes*. Existia também uma plataforma móvel que servia para levar os actores desde o palco até ao tecto da *skene*, representando os lugares sagrados. Existiam também utensílios para produzir som, como por exemplo para dar a sensação de trovões.



Teatro de Epidauro



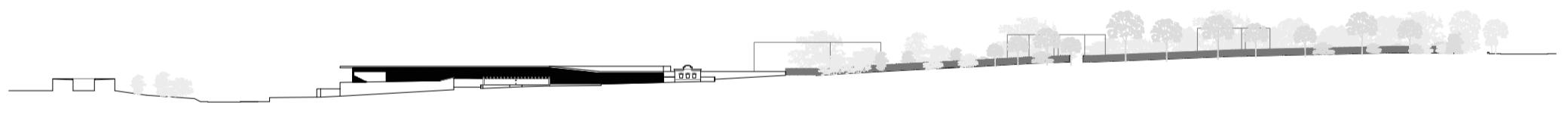
alçados

1 - Alçado pela Avenida do Dique

2 - Alçado pela Avenida Túlio Espanca



Alçado 1



Alçado 2

"Stage pictures were to be freed from the necessity of reproducing background action; They were to be transfigured until every element in them embodied the emotions that it was to arouse as an integral part of its form, its color and its total design" Adolpho Appia



Plantas 1/200

O projecto surge levantando-se da cota de chegada, aproveitando o desnível, e desenhandando uma pala, que serve de percurso exterior coberto, completando assim o percurso sempre protegido por arvoredo.

O programa desenvolve-se na sua maioria direcionado para o interior da pala, dando maior protagonismo a esta zona, e tornando-a mais dinâmica. Desta maneira todo o programa encontra-se enterrado, funcionando este como um muro de suporte de terras, e com pequenas aberturas que escavam pelo interior do edifício, definindo os espaços. Para os dois maiores espaços (biblioteca e sala multiusos), houve a necessidade de fazer grandes entradas de luz natural, sendo estes resolvidos através de dois grandes pátios de diferentes dimensões que caracterizam cada uma das áreas, que são parte integrante dos espaços. Por exemplo, no pátio da biblioteca, as pessoas ao usufruírem do espaço podem trazer os livros para esta área e aí permanecem, enquanto que o pátio do espaço multiusos pode ser apropriado como cenário para uma peça, podendo ser possível recolher todo o vidro, não existindo limite físico entre estes dois espaços.

A cobertura do projecto é acessível, excepto a cobertura da pala. Esta zona funciona como um percurso alternativo ao percurso protegido da pala.

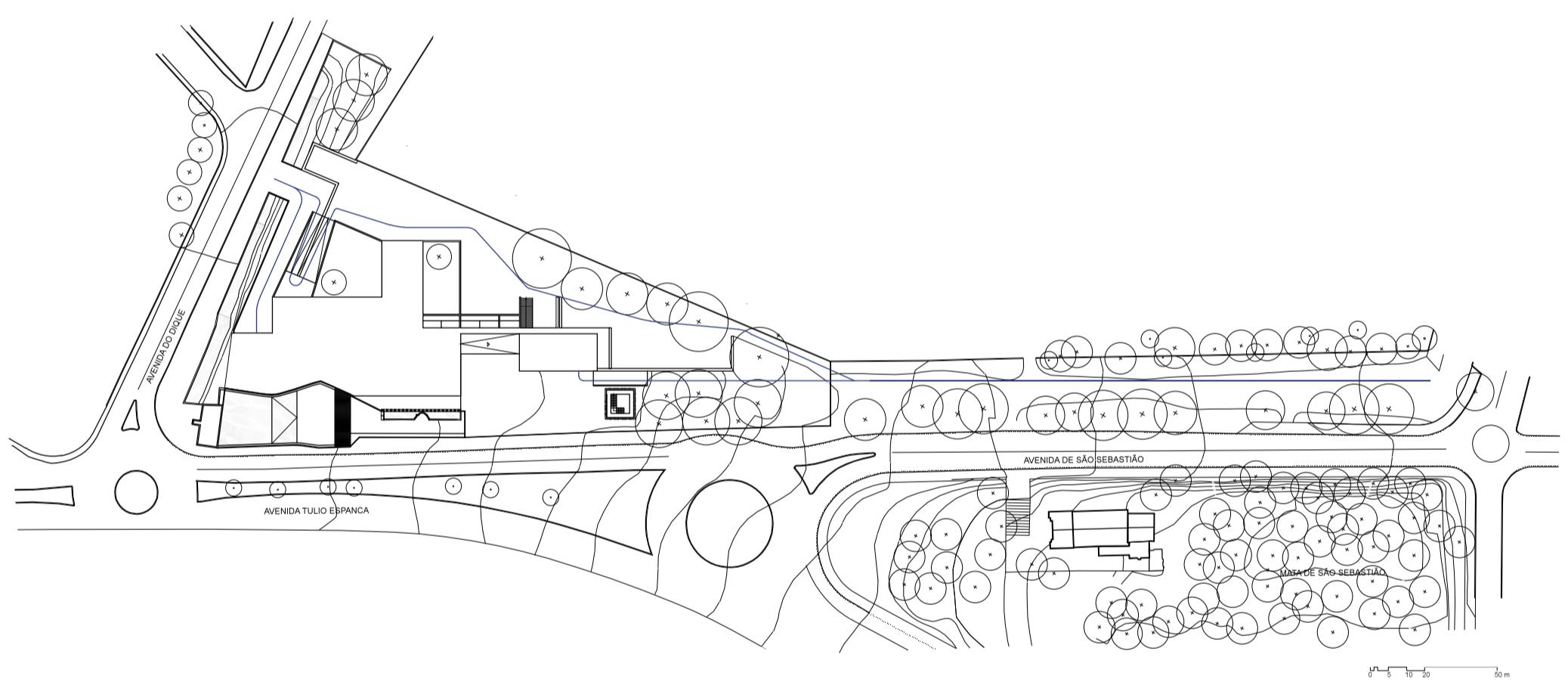
Como referência cenográfica para esta intervenção, o movimento de happening teve uma grande importância.

O conceito de happening surge em 1952 com John Milton Cage.

O teatro tem sempre como inspiração a vida, e de uma forma ou de outra tenta imitá-la. Mas que melhor forma de tentar representar a vida, que deixar que esta entre em cena. Happening não é um modelo de teatro clássico, onde tudo se encontra predeterminado, mas onde existe espaço para a improvisação e o mudar de curso da cena. O importante do happening será o seu resultado, com os seus imprevistos, acidentes, desordem, onde a interacção com o público passa a ser essencial.

Na peça 18 Happenings in 6 parts de Allan Kaprow, a interacção com o público é fulcral. Poderemos dividi-la em 3 partes, numa primeira em que se montam as peças do cenário, as cadeiras, mobiliário onde o público pode sentar-se ou recostar-se. Numa segunda fase temos a apropriação do espaço, onde as pessoas deslocam as peças dentro do espaço da peça, e numa terceira fase temos o happening propriamente dito, onde o artista introduz uma actividade a ser desenvolvida durante o decorrer da peça. Assim temos o público como produtor de espaço, que o modifica consoante os seus gostos e desejos, não existindo uma regra na forma como este se organiza, não existindo duas peças iguais.

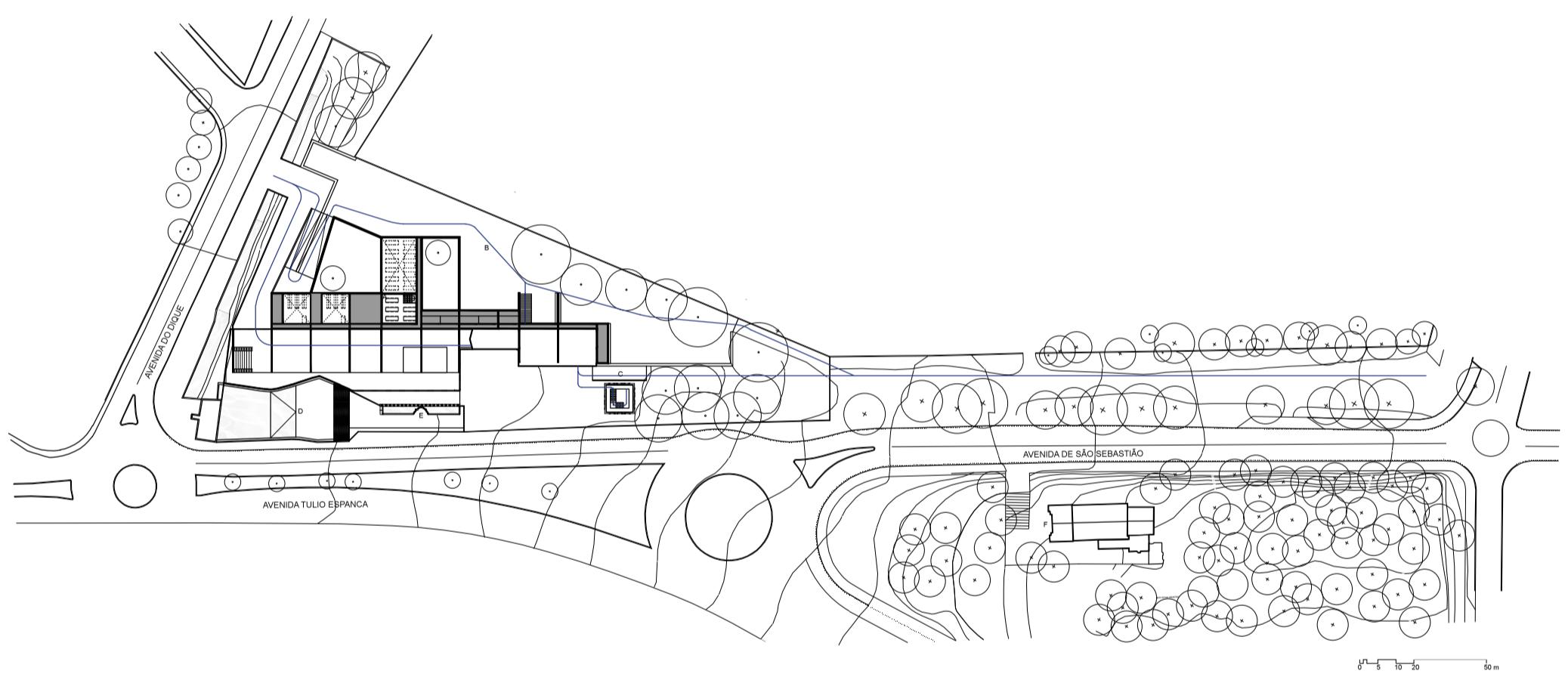
Neste estilo o imprevisto é a beleza do evento, assim como na vida, existem objectivos pelos quais lutamos, mas onde pequenos acontecimentos podem mudar o seu rumo, sendo o resultado final a peça. Sendo a experiência retirada do percurso a peça fundamental.



planta cota 3

- A - Sala Multimédia
- B - Percurso Pedonal Alternativo
- C - Balança do mercado do gado
- D - Tanque
- E - Chafariz das Bravas
- F - Ermida de São Sebastião

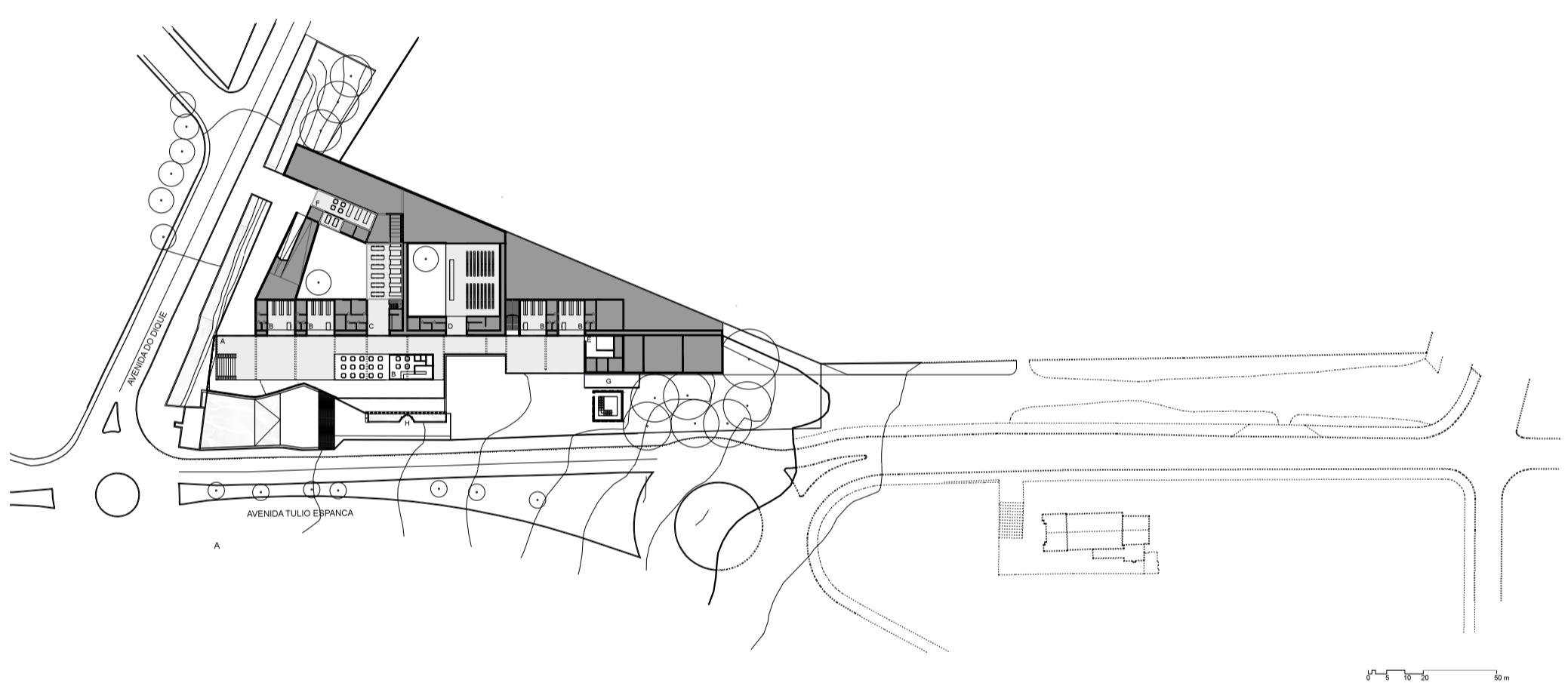




planta cota 0

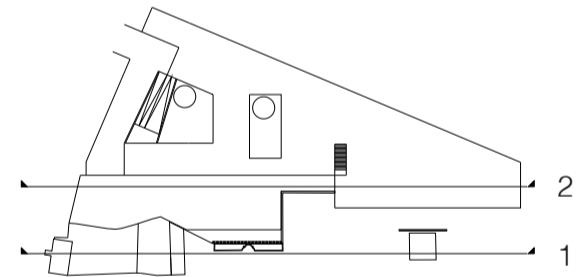
- A - Zona Coberta da Pala
- B - Comércio
- C - Biblioteca
- D - Sala Multiusos
- E - Administração
- F - Sala de Crianças
- G - Casa da Balança
- H - Chafariz das Bravas





cortes longitudinais

1 - corte chafariz
2 - corte pala



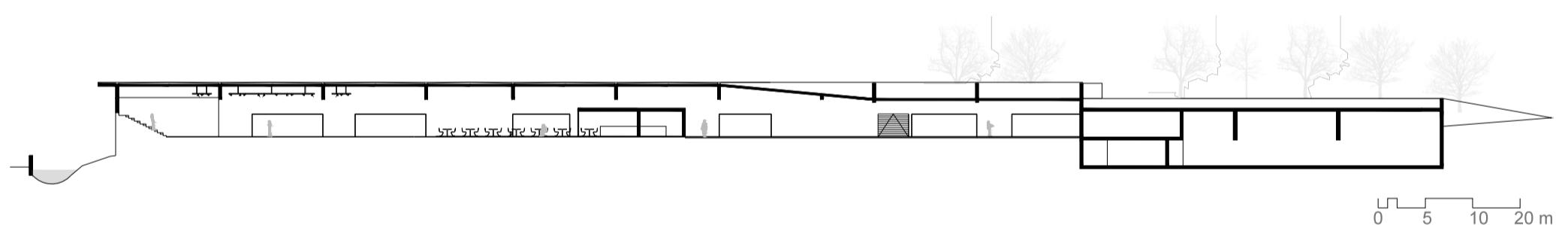
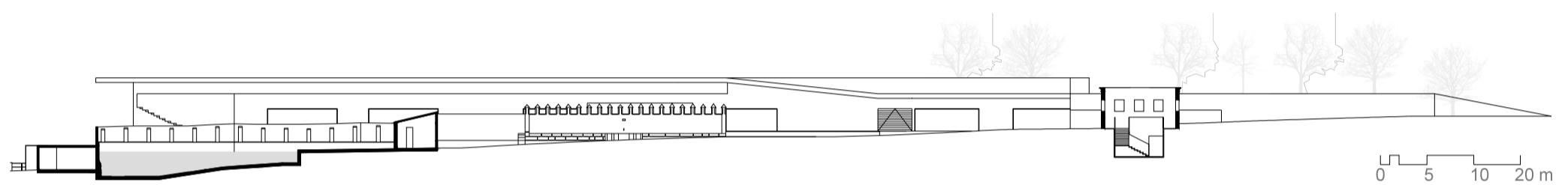


foto maqueta vista frontal

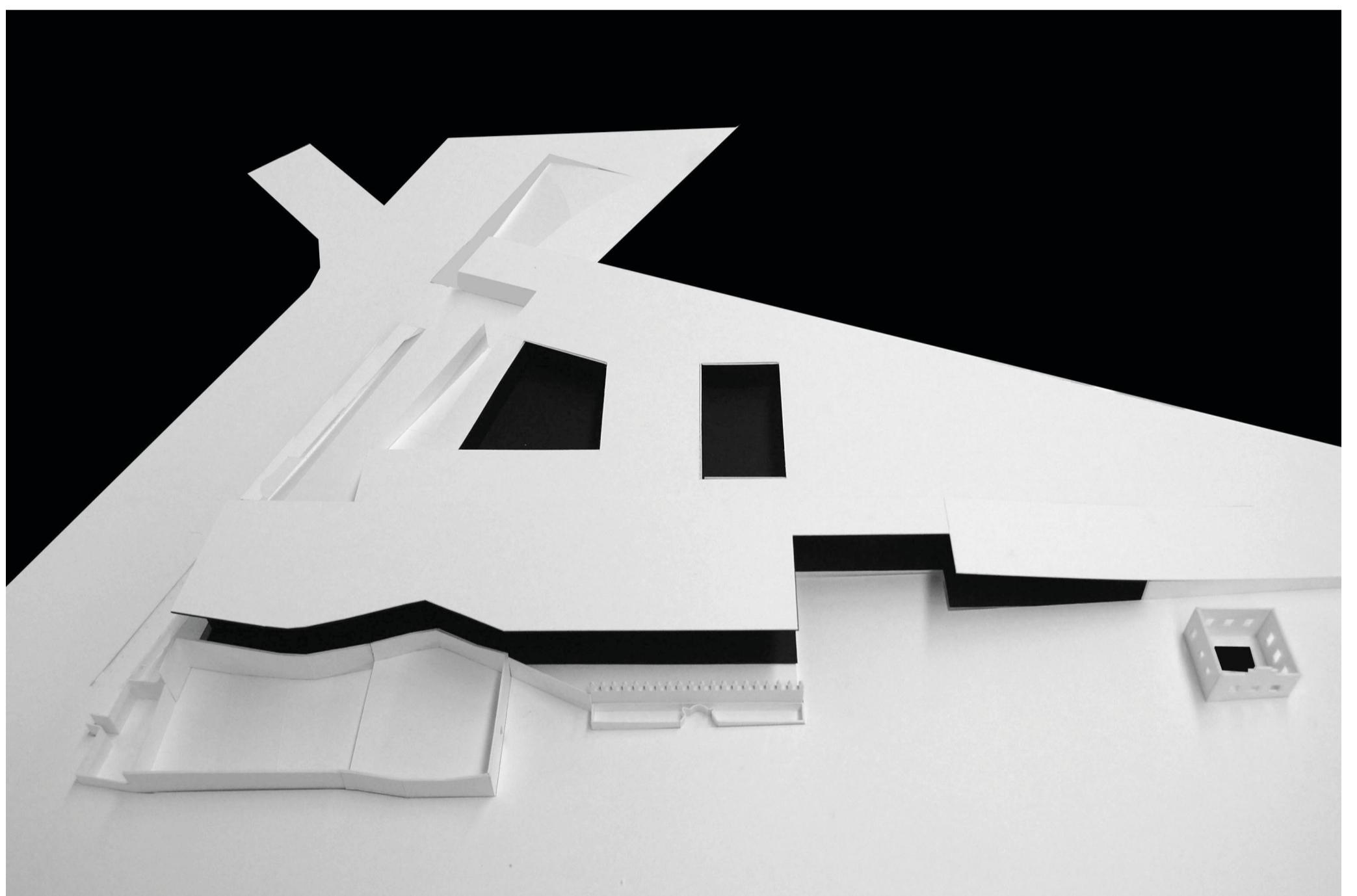
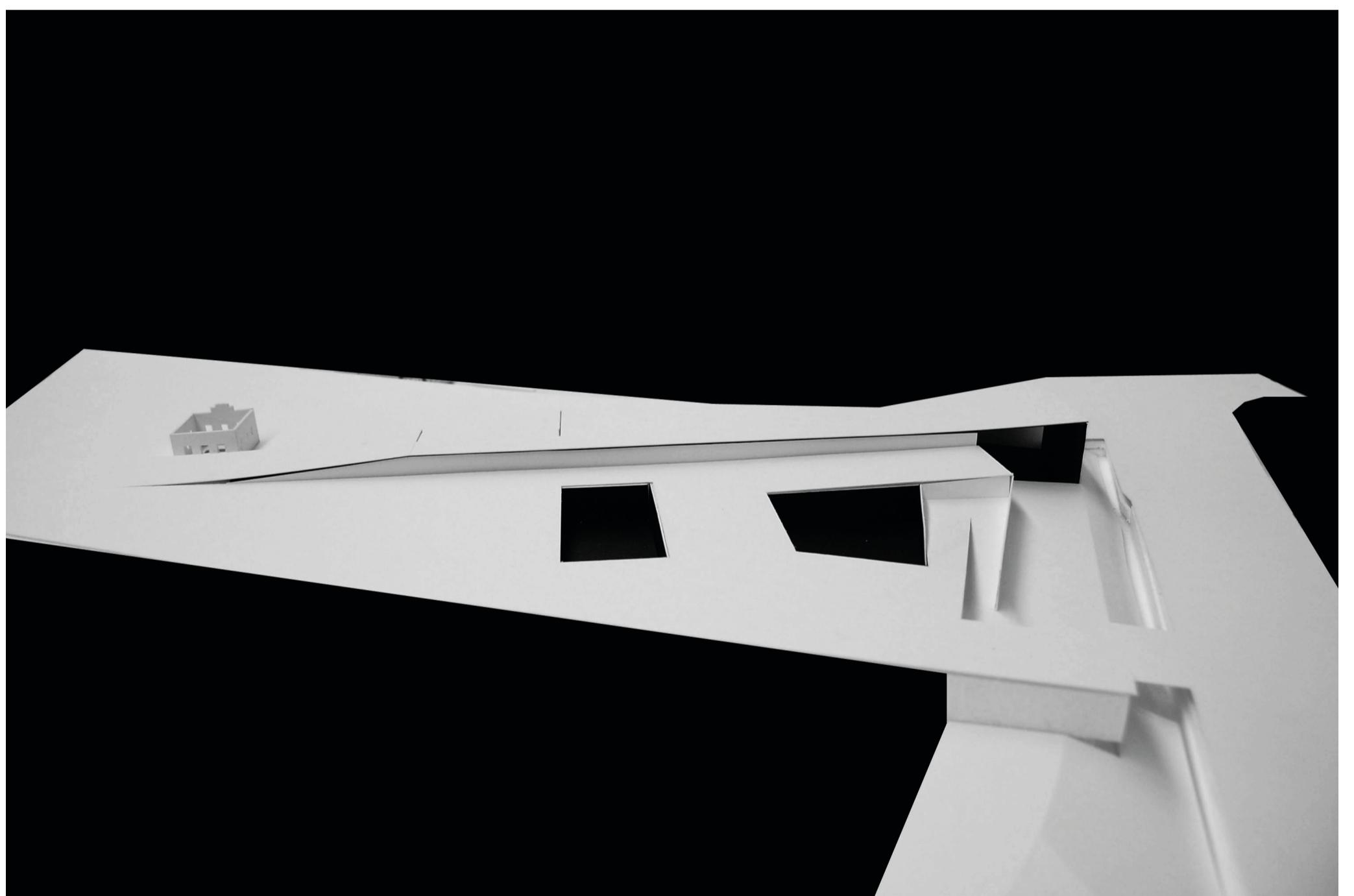
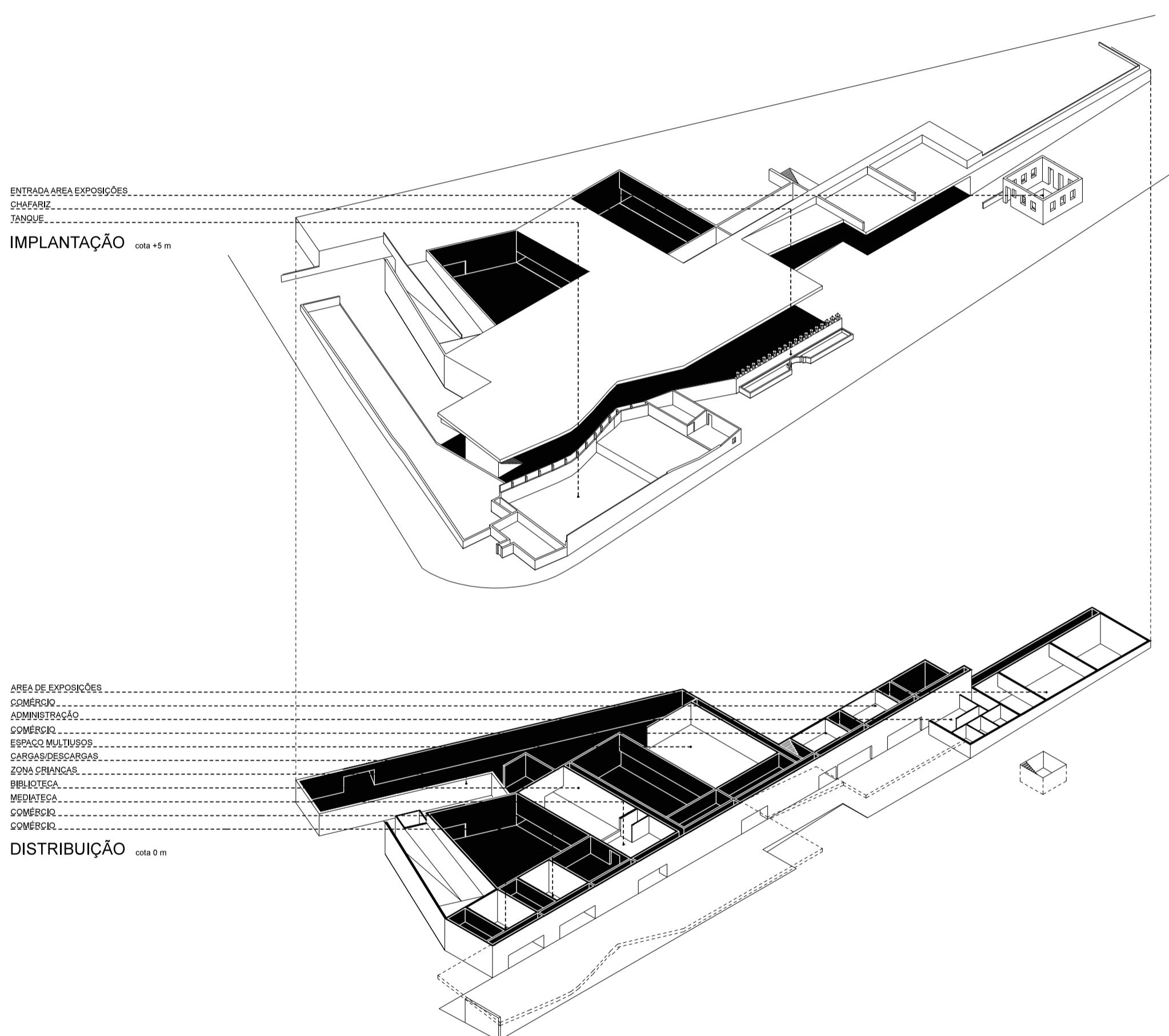


foto maqueta vista posterior



axonometria geral



"A cenografia é o ponto de partida de exploração de qualquer coisa..." Olga Roriz

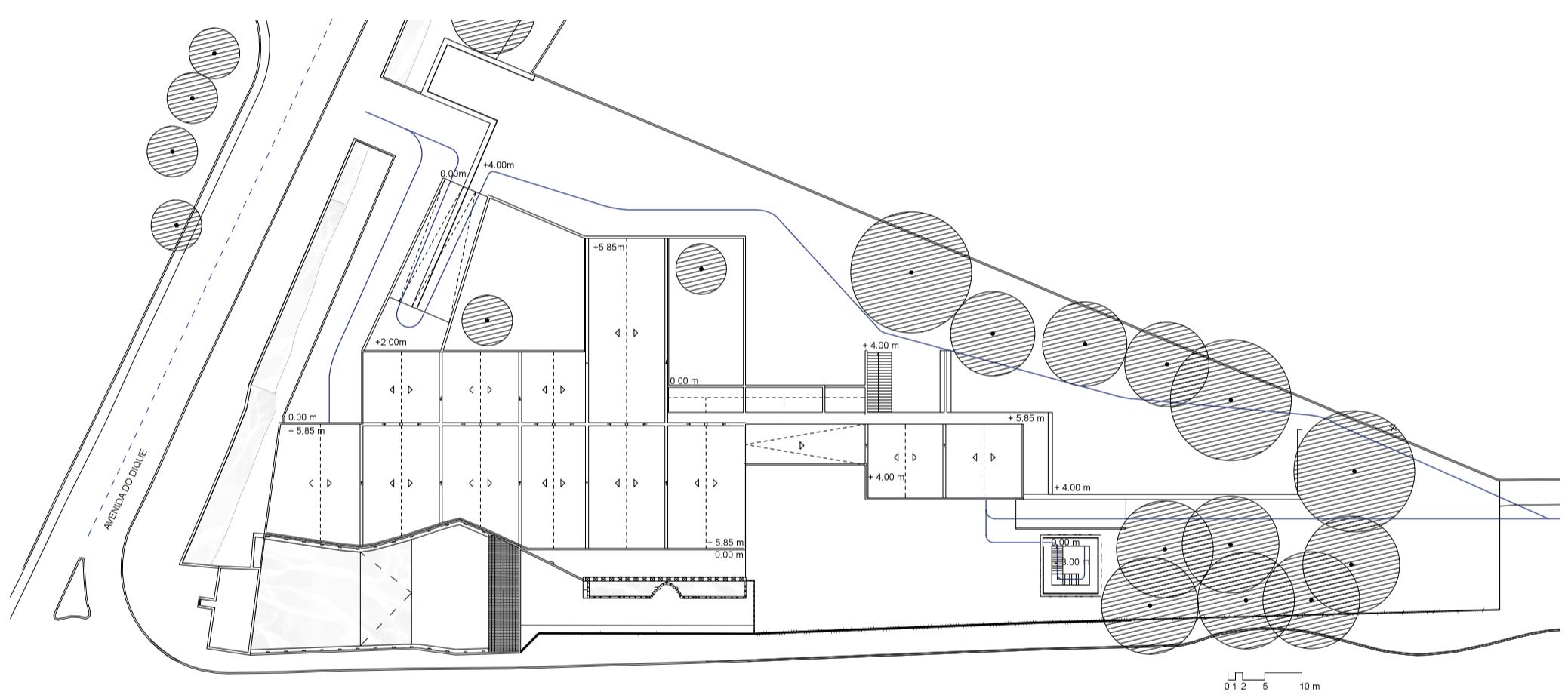


PORMENORIZAÇÃO

planta 1/100

O edifício proposto desenha o percurso coberto na zona da pala. Como esta será a principal zona do percurso, para esta zona abre todo o programa. De forma a que o espaço tivesse mais vida, são criadas 4 zonas de comércio, pequenas lojas, uma cafeteria que se encontra isolada na zona da pala, as entradas para a biblioteca e espaço multiuso assim como a zona de administração. Ou seja, todos os espaços têm comunicação directa com a zona da pala, de forma a voltar a pontuar o percurso. A entrada para a zona de exposições, encontra-se mais afastada, na casa da balança. Este elemento posterior, é intervencionado, sendo escavada a entrada para a zona de exposições, de forma a que todos os elementos do chafariz voltem a pertencer a um conjunto.

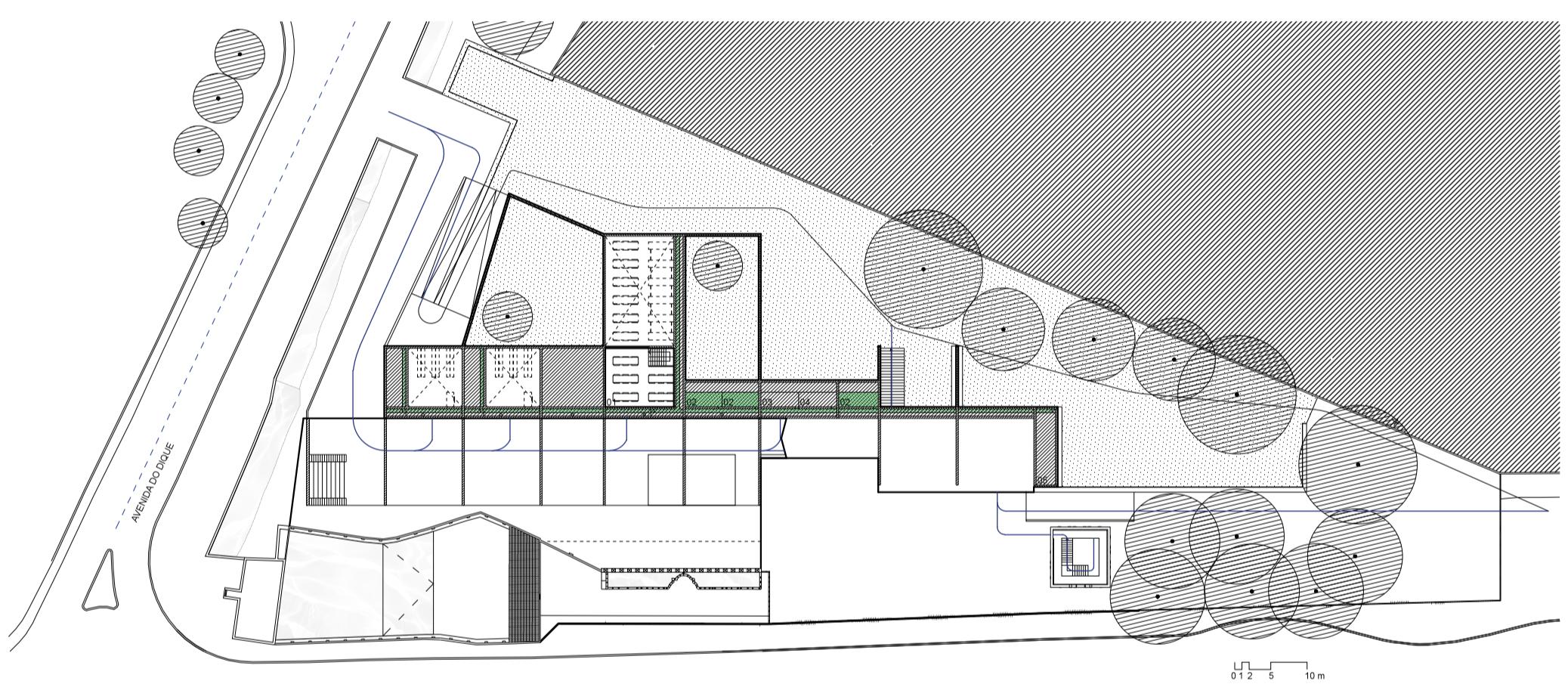
Os materiais são escolhidos com o intuito de criar uma zona de teatro aberto. Temos o pavimento da pala em madeira negra, semelhante ao utilizado nos palcos. Existe um pequeno palco que pode ser movimentado, de forma a definir novas zonas, permitindo novas relações e novos cenários. O betão é aplicado com um pigmento negro, sendo esta a cõr de referência dos fundos de cena, lugar onde se desenvolve a peça. Um pouco como acontece na cenografia contemporânea. Nos nossos dias não existe uma regra para se construir um cenário. Na actualidade o limite será a imaginação do artista, mas nunca esquecendo que esta terá que ser consciente, cheia de intenção, e deve sempre servir de apoio à própria peça.



planta cota 3

- 01 Sala Multimédia
- 02 UTA
- 03 Chiller
- 04 Caldeira
- 05 Zona Técnica

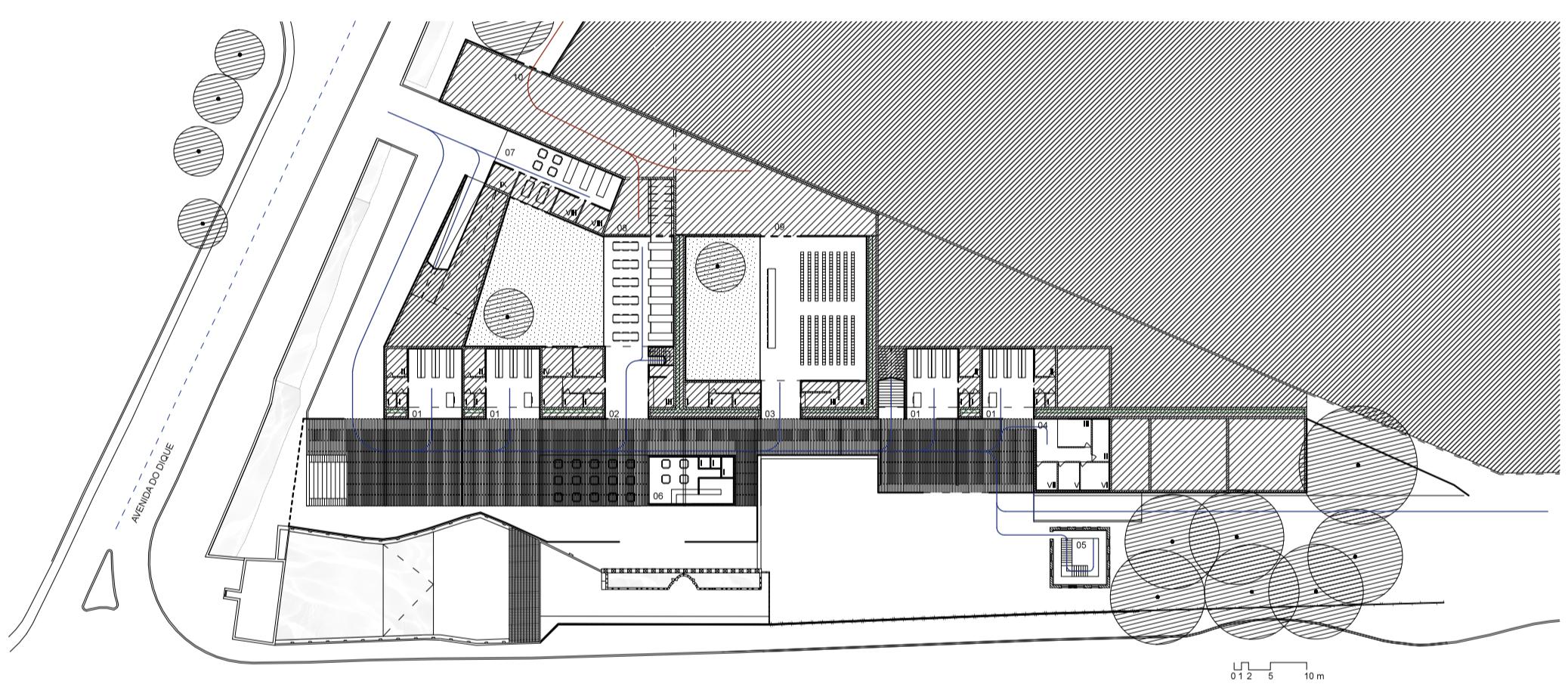




planta cota 0

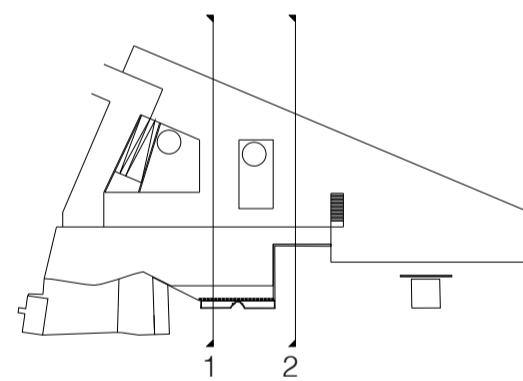
01 Comércio - 100 m ²	I	I. S.
02 Biblioteca - 341 m ²	II	Arrumos
03 Sala Multiusos - 449 m ²	III	Recepção e Bengaleiro
04 Administração - 137 m ²	IV	Sala do Responsável
05 Salas de Exposições - 465 m ²	V	Sala do Administrador
06 Cafetaria - 69 m ²	VI	Sala de Reuniões
07 Sala Crianças - 136 m ²	VII	Escritório
08 Apoio Biblioteca - 66 m ²	VIII	Balneário
09 Apoio Sala Multiusos - 101 m ²	IX	Sala da Professora
10 Cargas e Descargas - 378 m ²		

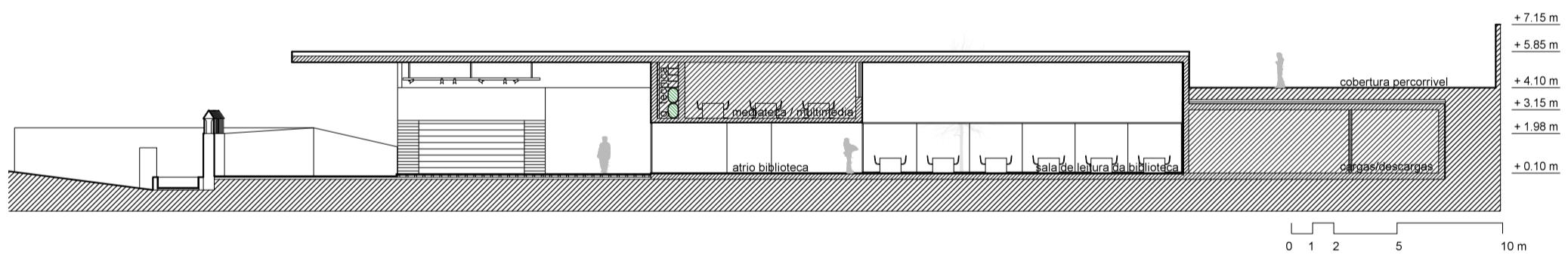
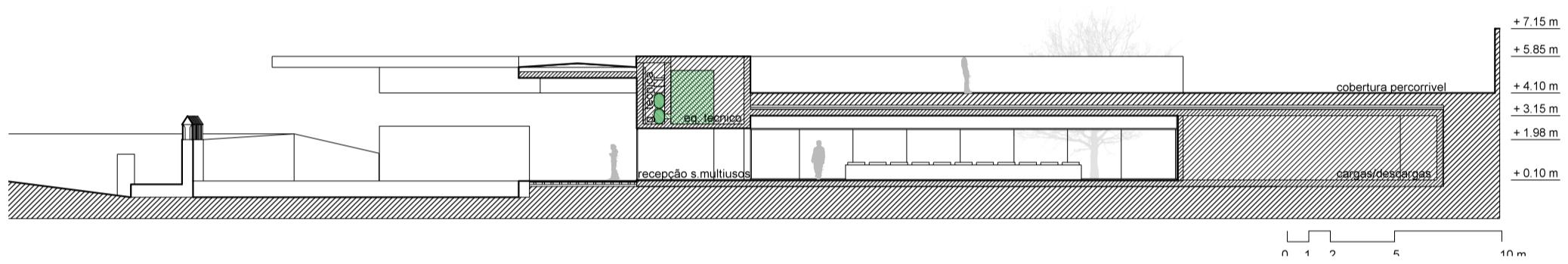


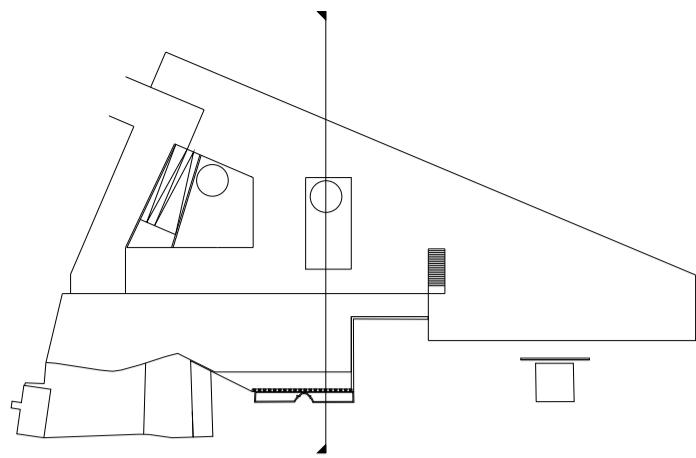


cortes transversais

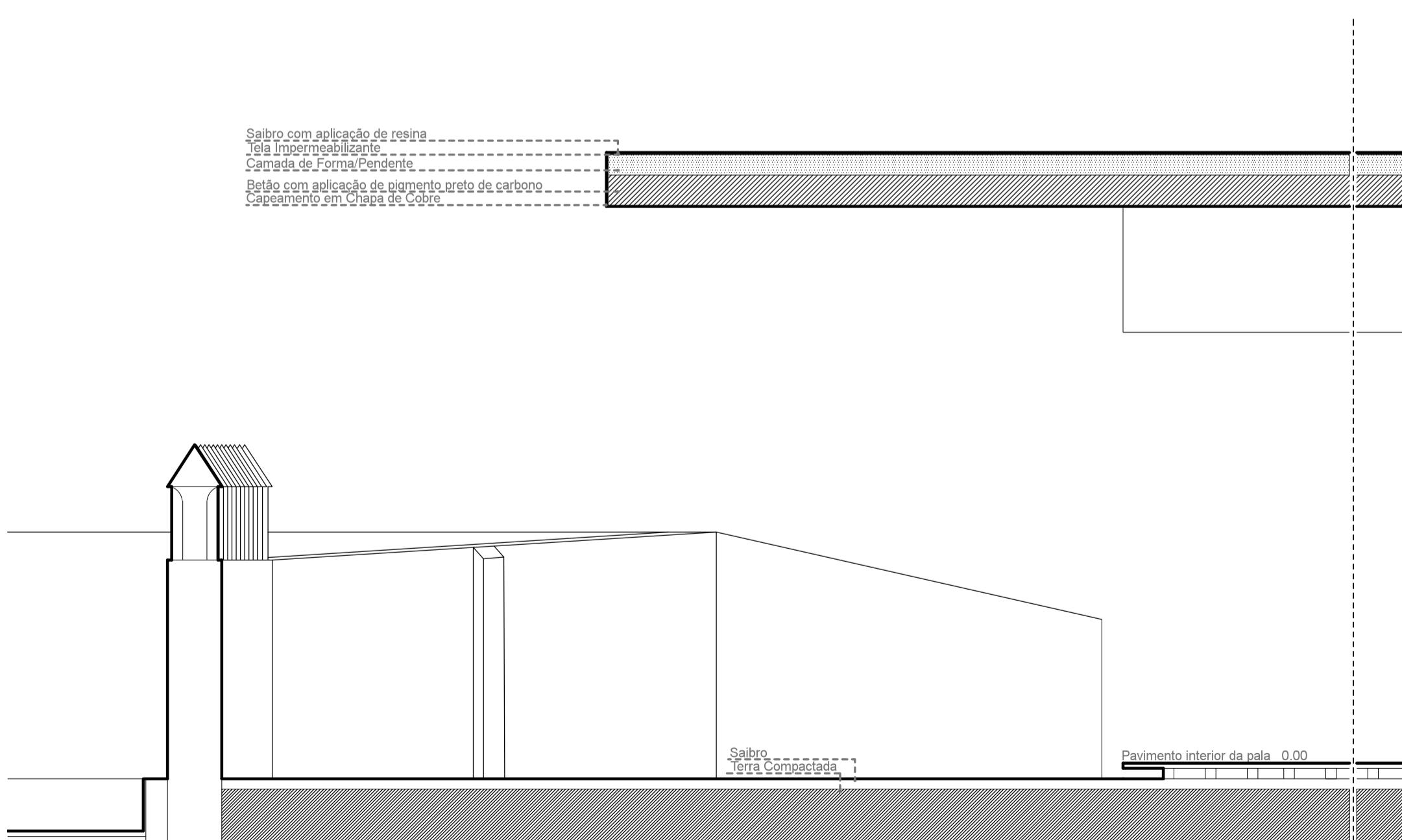
1 - corte biblioteca
2 - corte sala multiusos

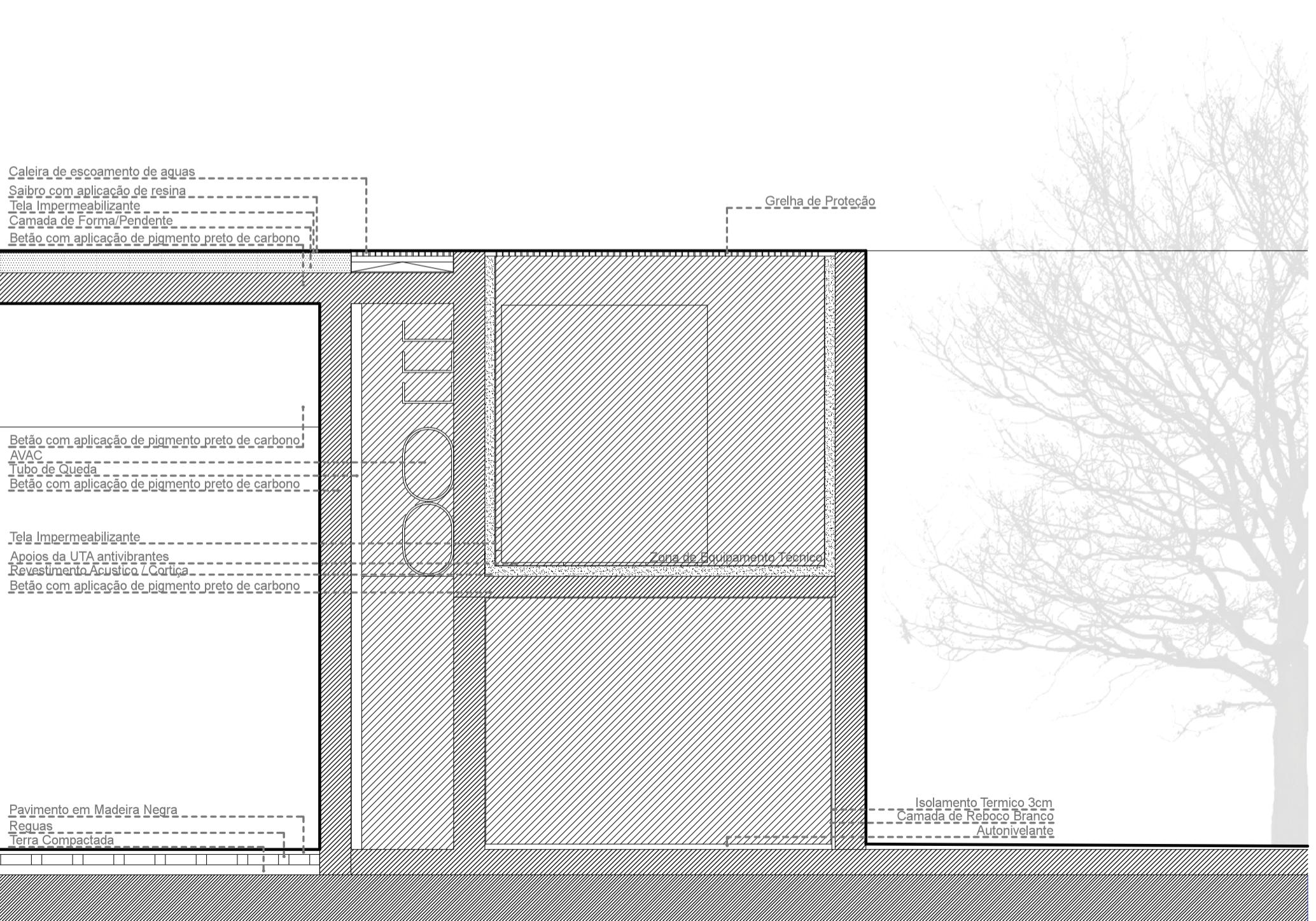






corte construtivo



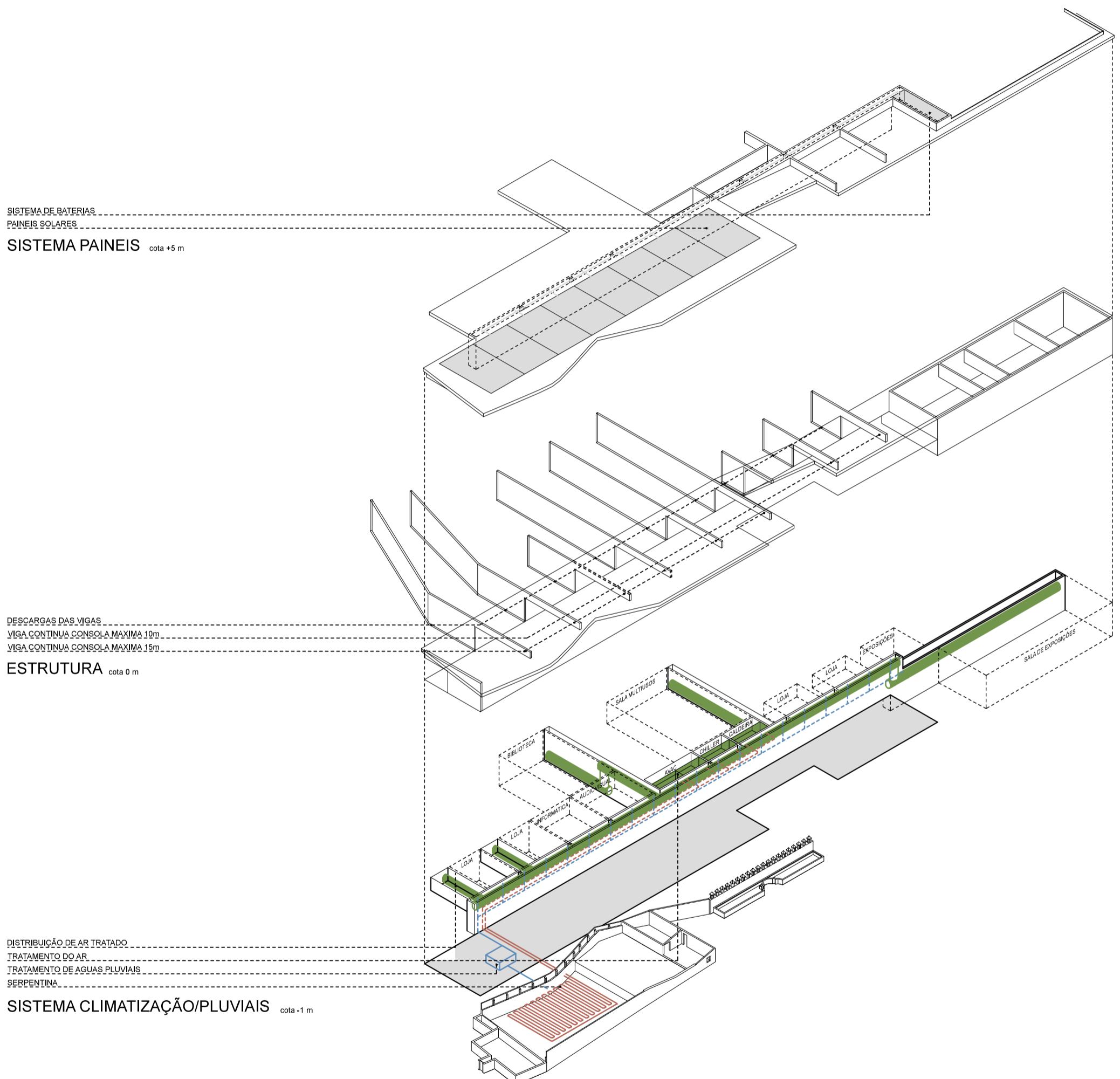


AXONOMETRIA ESTRUTURAL

Neste desenho podemos observar a forma como funciona a lógica de organização e distribuição de toda a parte técnica do edifício. Como peça de distribuição existe a fachada interior da pala, sendo este um duplo muro, com a função de no seu interior distribuir todo o tipo de infra-estruturas, assim como AVAC, electricidade, águas, caleiras e recolha de águas pluviais, como outras estruturas que venham a ser necessárias. Este elemento atravessa todo o edifício, sendo o local ideal e lógico para se efectuar a distribuição de todas estas infra-estruturas.

O sistema de AVAC tem um funcionamento simplificado. É aproveitada a água corrente do chafariz, e introduzida uma serpentina que usa a temperatura constante da água para arrefecer ou aquecer, sendo a energia necessária efectuada pelos chillers e caldeira menor, uma vez que a temperatura da água corrente não tem uma amplitude térmica muito dispar tanto no inverno como no verão. Todo o tipo de máquinas, como chiller, caldeira e insuflações de ar encontram-se na zona superior, em contacto directo com o ar exterior, sendo as trocas efectuadas directas, e situando-se assim em zonas de acesso restrito e sem impacto na organização lógica do programa. As tubagens de AVAC vão por dentro destas paredes até aos locais desejados. As extracções de ar são efectuadas de forma natural, tirando o caso da sala de exposições que o processo é mecânico.

A estrutura do edifício obedece à métrica encontrada na lógica do chafariz. De forma a suportar a grande consola da pala, são construídas grandes vigas continuas, que através do contrapeso normal da estrutura se encontra em equilíbrio, uma vez que na zona de pala não são colocados apoios, pois estes encontram-se na zona técnica do edifício, uma vez que os seus apoios são resolvidos em paredes portantes que fazem o contrapeso da estrutura em consola.



“Para que el espectador entre en la obra, esta se há de presentar abierta, inacabada. Que cada oyente o espectador vea lo que quera y sea libre para alterar la partitura o el guión. Lo importante es el proceso, no el resultado. El arte no debe ser diferente de la vida; es una acción incluída en la vida con sus accidentes, casualidades, variedad, desorden y, sólo eventualmente, belleza. La única función moral del arte es la alteración e intensificación de la capacidad perceptiva.”

Felisa de Blas Gomez



CONCLUSÃO

Esta dissertação tem como objectivo a resposta ao exercício de Projecto Avançado 3. Este projecto colocava o problema da resolução do percurso pedonal entre o centro da cidade e bairro da Malagueira. Neste exercício desenha-se o percurso, sendo este definido por novos elementos, a proposta de construção de um novo equipamento de apoio ao bairro. A opção de escolha deste local ocorreu duma forma bastante natural, uma vez que é nesta zona que se encontra o conjunto arquitectónico do chafariz das bravas, uma vez que se trata este dum elemento de grande significado na história da cidade.

Historicamente a cidade extra-muros era praticamente inexistente, surgindo na sua paisagem pequenos apontamentos, como chafarizes, que respondem a necessidades muito práticas. O Chafariz das Bravas manteve a sua importância ao longo da história da cidade, tendo diversos usos, e sendo construída a casa da balança, uma construção posterior, demonstrando a importância de que este local teve no desenvolvimento de actividades, importância esta que foi perdida nas ultimas décadas com o crescimento e desenvolvimento urbano da cidade.

A proposta tem um duplo sentido, além da vertente prática de recuperar e requalificar a vida e pontuar o percurso, também a de fazer um dialogo directo com os elementos existentes, voltando a evidenciar e encenando o confronto do novo visitante da cidade de Évora, que maioritariamente se desloca de automóvel.

Desenha-se então um novo horizonte, que vai tornar o edifício do Chafariz das Bravas mais destacado, uma vez que a posição actual está no meio da malha urbana de aproximação ao centro histórico, devido ao crescimento da cidade. Torna-se pertinente abordar o projecto como uma linguagem cénica, de encenar o confronto dos habitantes com este conjunto, existindo uma relação simbólica com temas que habitualmente são aplicados no ambiente fechado e controlado do teatro. Desta forma, a invocação da metáfora cénica convoca o tema do Teatro, que procurou se abordar e desenvolver, efectuando a revisão do projecto de forma a tornar a metáfora funcional para o projecto.

Numa fase final encontramos a proposta de materialização do projecto. Encontra-se exposto a organização funcional da proposta e de todos os equipamentos e infra-estruturas, que um edifício desta escala necessita. Tanto a forma encontrada para suportar a consola da pala, como a utilização dos recursos presentes no terreno. A escolha dos materiais aplicados, foi com o intuito de remeterem de forma simbólica para o tema gerador e organizador do projecto, o Teatro. Encontra-mos o betão aplicado com pigmento negro, de forma a materializar o pano do fundo de cena, o pavimento coberto da pala em madeira negra, semelhante ao utilizado nos palcos, demonstrando a importância que o tema teatro teve na escolha e materialização da proposta.

Na versão final da dissertação aqui apresentada, o teatro não tem a relevância que deveria ter, mas foi e continua a ser o motor, a metáfora do projecto, e ganha a sua importância por ter sido após esta reflexão e investigação que surgiu o projecto final aqui apresentado.

BIBLIOGRAFIA ÉVORA

A Bibliografia encontra-se subdividida em temas de pesquisa. Na secção Évora existe a bibliografia de pesquisa histórica da evolução urbana da cidade, assim como registos fotográficos. Na secção Teatro encontra-se bibliografia da pesquisa efectuada para melhor entendimento da evolução histórica do teatro e cenografia. Na secção arquitectura encontra-se bibliografia de apoio ao projecto, como reflexões sobre a cidade e urbanismo. Está também incluído teses de mestrado que têm como base de investigação o mesmo enunciado da disciplina de Projecto Avançado III, dos quais resultam diversas propostas.

ABEL, António Borges; Os Limites da Cidade, Dissertação, 2008
BRITO, Raquel Soeiro de; Estudos em Homenagem a Mariano Feio, Livraria Minho, 1986
ÉVORA, Câmara Municipal; Riscos de um século: memórias da evolução urbana de Évora; Câmara Municipal de Évora, 2001
ÉVORA, Câmara Municipal; Évora desaparecida : fotografia e património 1839...1919; CME,CIDEHUS, D.L. 2007
GUERREIRO, Madalena da Palma; Chafarizes e fontes públicas da cidade de Évora, Chão de Letras, 1999
MOLTENI, Enrico; Álvaro Siza: Barrio De La Malagueira - Évora, UPC, 2009
CARVALHO, J.; Évora, Administração Urbanística, Câmara Municipal de Évora, 1991

TEATRO

AZARA, Pedro; Arquitectos a Escena, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2000
BENTLEY, Eric; The theory of the modern stage: an introduction to modern theatre and drama, London, Penguin Group, 1990
BRETON, Gaelle; Theatres, Paris, Editions du Moniteur, 1989
CHAUDHURI, Una; Staging Place: the geography of modern drama, Michigan, The university of Michigan press, 2000
FERLANGA; Alberto; Opera completa II 1988-1992 Aldo Rossi, Electa, 1992
GÓMEZ, Felisa de Blas; El teatro como espacio, Barcelona, Fundacion Caja de Arquitectos, 2009
HOWARD, Pamela; Escenografía, Vigo, Editorial Galaxia, 2002
KONIGSON, Elie; Le theater dans la ville, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 2002
PIENS, Bernard; L'Objet théâtral, Paris, IMC, 1984
RAYNAUD, Savine; Landscape theatre: théâtre de paysage - le voyage d'Orphée en Europe, Montpellier, L'entretemps, 2008
RIBEIRO, João Mendes; Arquitectura e cenografia, Coimbra, XM, 2003
WILES, David; A short history of western performance space, Cambridge,Cambridge University Press, 2003

TESES DE MESTRADO

FERREIRA, Ana Pedro; Paisagem construída: proposta de ligação pedonal entre o centro histórico e o bairro da Malagueira. Transformação de um sítio num lugar, 2014
FERREIRA, Romeu Manuel Gomes das Neves; Layer morfológico: leitura do território como matéria de produção arquitectónica, 2013
RIBEIRO, Pedro Maria; Percurso pedonal de ligação entre o centro histórico de Évora e o Bairro da Malagueira: muro habitado, 2013

ARQUITECTURA

CACCIARI, Massimo; A cidade, GG, 2010
CULLEN, Gordon; Paisagem Urbana, Edições 70, 2006
GILBER-ROLF, Jeremy; Frank Ghery: the city and the music, New York, Routledge, 1998
NEUFERT, Ernst and Peter; Neufert: architects data, Oxford, Blackwell Science, 1999
VIEIRA, Álvaro Siza; Textos 01, Livraria Civilização Editora, 2009
PICKARD, Quentin; Architect's handbook, Oxford, Blackwell Science, 2002
ZEVI, Bruno; Saber Ver a Arquitectura, Martins Fontes, 2009

